

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

O ESTATUTO DO DESEJO NA ANOREXIA:

Uma leitura psicanalítica

Renata Corrêa Carvalho

Belo Horizonte

2010

Renata Corrêa Carvalho

**O ESTATUTO DO DESEJO NA ANOREXIA:
Uma leitura psicanalítica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Moreira Marcos.

**Belo Horizonte
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C331e Carvalho, Renata Corrêa
 O estatuto do desejo na anorexia: uma leitura psicanalítica / Renata Corrêa
 Carvalho. Belo Horizonte, 2010.
 97f. : il.

 Orientadora: Cristina Moreira Marcos
 Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

 1. Anorexia. 2. Desejo. 3. Gozo. I. Marcos, Cristina Moreira. II. Pontifícia
 Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em
 Psicologia. III. Título.

CDU: 616.89-008.4

Renata Corrêa Carvalho

O ESTATUTO DO DESEJO NA ANOREXIA:

Uma leitura psicanalítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em psicologia.

Área de concentração: Processos de subjetivação

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais

Cristina Moreira Marcos (orientadora) – PUC Minas

Ilka Franco Ferrari – PUC Minas

Mônica Assunção Costa Lima – PUC Minas

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2010.

***A minha mãe e ao meu pai,
que todos os dias me ensinam sobre o amor!***

***Ao meu avô Nozinho,
que tanta falta me faz...***

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença.

A professora Cristina, pelo acolhimento, pela delicadeza de suas colocações e pelas orientações criteriosas e precisas.

A Ilka Ferrari e Mônica Lima por aceitarem com carinho o convite para participarem da banca de qualificação e da defesa desta dissertação de mestrado, realizando uma leitura atenciosa do meu texto.

Ao NIAB – Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia, por permitirem minha participação nas reuniões clínicas, o que foi fundamental para esta pesquisa.

A Jaque, que com sutileza desembaraçou alguns nós...

A Andréa Guerra, pelas contribuições.

Aos professores do mestrado, pela transmissão e construção de conhecimentos.

Aos colegas do mestrado, por compartilhar tanto os momentos agradáveis quanto os difíceis...

Aos funcionários do mestrado, em especial à Marília, pela atenção e carinho.

A Esonides, pela escuta e por me acompanhar na experiência da psicanálise.

Ao meu querido marido Raphael, pelo amor e companheirismo em todas as fases desta pesquisa e por acreditar no meu crescimento profissional.

Aos meus pais, Getúlio e Rosália, que sempre investiram em mim. Obrigada por sempre estarem ao meu lado, me incentivando e valorizando minhas conquistas.

Aos amigos e familiares, especialmente às minhas irmãs Raquel e Regina, companheiras em tudo!!

*Meu bem, que hoje me pede pra apagar a luz
E pôs meu frágil coração na cruz
Do teu penoso altar particular
Sei lá, a tua ausência me causou o caos
No breu de hoje sinto que
O tempo da cura tornou a tristeza normal*

*Então, tu tome tento com meu coração
Não deixe ele vir na solidão
Encabulado por voltar a sós
Depois, que o que é confuso te deixar sorrir
Tu me devolva o que tirou daqui
Que o meu peito se abre e desata os nós*

*Se enfim, você um dia resolver mudar
Tirar meu pobre coração do altar
Me devolver como se deve ser
Ou, então, dizer que dele resolveu cuidar
Tirar da cruz e o canonizar
Digo, faça melhor do que lhe parecer*

*Teu cais deve ficar em algum lugar assim
Tão longe quanto eu possa ver de mim
Onde ancoraste teu veleiro em flor
Sem mais, a vida vai passando no vazio
Estou com tudo a flutuar no rio
Esperando a resposta ao que chamo de amor*

*Altar particular
Maria Gadú*

RESUMO

Esta dissertação trabalha o estatuto do desejo na anorexia, tendo como articulador teórico o objeto *a*. O trabalho se desenvolve a partir de uma pesquisa teórica na obra de Lacan, utilizando-se também dos textos de outros autores que ajudam a esclarecer o tema. Além de teórica, esta pesquisa apresenta uma perspectiva clínica, que é encontrada tanto nas articulações teóricas quanto na utilização de fragmentos de um caso de anorexia cujos elementos consistem num material precioso à investigação do tema. O principal objetivo deste trabalho é analisar como pode ser compreendido o estatuto do desejo na anorexia de estrutura neurótica, tendo em vista que se trata de uma manifestação em que o gozo parece reinar soberano. Este estudo iniciou-se com uma contextualização social e histórica da anorexia, trazendo também à discussão as articulações lacanianas a respeito da irreducibilidade do objeto do desejo ao objeto da demanda e da necessidade. Partindo das indicações de Lacan, a pesquisa prossegue na investigação de como o *nada* pode se apresentar na anorexia, inicialmente sob a forma do desejo de nada e, num segundo momento como objeto nada, uma das declinações do objeto *a*. O estudo de um caso de anorexia, extraído de um diário virtual, possibilitou elucidar as questões discutidas neste trabalho, trazendo conteúdos importantes e pertinentes à nossa investigação, revelando a complexidade do estatuto do desejo na anorexia e a importância de se estar atento à singularidade do sintoma do sujeito, tendo em vista sua estrutura psíquica e sua posição subjetiva ou modo de gozo.

Palavras-chave: anorexia, desejo, objeto *a*, objeto nada, gozo.

ABSTRACT

This MA thesis works on the status of the desire under anorexia from the theoretic frame of the object 'a'. This paper elects as its starting point some statements of Lacan; in addition, some others statements from authors who elucidate this question are also considered in this research. Beyond theory, this research presents a clinical perspective following some elements of a specific anorexic case, whose features seem to be a precious source for investigation on the subject. The main purpose of this search could be summarize in the following issue: how could one comprehend the status of an structurally neurotic anorexia, in which *jouissance* seems to be superlative? This reasearch portray its first steps on a brief social and historical contextualization about anorexia, considering over again Lacanian thoughts about the impossibility to reduce the object desire to the object of demands and necessities. From Lacanian appointments again, this research go throw the question about how could be the nothing presented at anorexia, in the begging as the desire of anything and, further, and, in a second moment, as nothing-object, which is one of the declinations of the object "a". The investigation of a case collected from a virtual memoir brought some interesting results concerning the understanding of the anorexia desire status complexity; it resulted as well the clarity about the importance to be attentive to patients' symptoms, considering his or her psycho structure and his or her subjective position or way of *jouissance*.

Key-Words: anorexia, desire, "a" object, nothing object, *jouissance*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1: Segundo esquema da divisão	53
Figura 2: A banda de Moebius	54
Figura 3: losango com direções vetoriais	57

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A	Outro (grande Outro)
A	Grande Outro barrado
<i>Blog</i>	<i>Weblog</i>
CID	Classificação Internacional das Doenças
Ed.	Editor
NIAB	Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia
Org.	Organizador
p.	Página
\$	Sujeito barrado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ANOREXIA E A IRREDUTIBILIDADE DO DESEJO À DEMANDA	20
2.1 Contextualização histórica e social da anorexia	20
2.2 Demanda e desejo em Lacan	29
2.2.1 <i>O sonho da Bela Açougueira</i>	35
3 O OBJETO NADA E O ESTATUTO DO DESEJO NA ANOREXIA	43
3.1 O comer nada como defesa do desejo na anorexia	45
3.2 O objeto causa de desejo, o pequeno a	51
3.2.1 <i>O objeto a como resto da operação de separação</i>	57
3.2.2 <i>O objeto nada e a causa de desejo na anorexia</i>	60
4 FRAGMENTO CLÍNICO: O DIÁRIO DE UMA ANORÉXICA	70
4.1 Uma escrita que convida o Outro	72
4.2 O “ser nada” como uma declinação do objeto a	74
4.2.1 <i>A anorexia como uma nomeação</i>	78
4.3 “Über, over, demais”! Anorexia: uma “doença lucrativa”	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXO	97

1 INTRODUÇÃO

A invenção freudiana do inconsciente abriu um campo de possibilidades para a compreensão do sujeito para além de suas motivações racionais e de sua previsibilidade, contrariando a lógica que aposta na razão como uma apuração segura da realidade, e que garante ao homem o controle de si e da natureza. O inconsciente é movido por leis que a razão desconhece, o que causa uma subversão na lógica cartesiana “penso, logo existo”, que afirma que a verdade só pode ser obtida através do pensamento universal, vinculado à consciência, sem que o sujeito tenha uma implicação subjetiva no ato do pensamento.

Quando Freud (1916-1917/1996, p. 153) propõe que “o ego não é o senhor da sua própria casa” como um golpe no narcisismo humano, ele atesta a subversão da lógica cartesiana, retirando o *eu* do lugar de comando dos processos psíquicos, para situá-lo em um lugar na dimensão do conflito. Com isso, Freud introduz a ideia de uma dimensão antes impensada, o inconsciente, observando que a razão está justamente ali onde não se encontra o sujeito do inconsciente, o que revela a divisão do sujeito. Lacan sustenta esta proposição ao dizer: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (1957/1998, p. 521), o que reafirma que o sujeito do inconsciente não está submetido aos critérios da razão, e que o que está em questão é a verdade do sujeito, intimamente ligada às suas experiências subjetivas, ao saber inconsciente, ao seu desejo. Este desejo, portanto, não comunga dos princípios da realidade empírica, mas está atrelado à sobrevivência do sujeito enquanto ser de diferença, marcado por uma divisão fundamental em sua estrutura que o faz experimentar a falta como condição de sua dignidade enquanto sujeito desejante.

A questão do desejo está presente tanto na obra freudiana quanto na lacaniana, encontrando-se no centro das discussões psicanalíticas. O conceito de desejo não está ligado a uma definição objetiva e única, mas estabelece estreitas relações com outros conceitos também muito importantes para a psicanálise.

A presente pesquisa, que se refere a um estudo sobre o estatuto do desejo na anorexia, além de abarcar o estudo de concepções teóricas relacionadas ao tema, comporta também um viés clínico, articulando conteúdos conceituais às particularidades da clínica da anorexia, tendo em vista a estrutura da neurose.

Para tanto, nosso principal articulador teórico será a formulação lacaniana do objeto *a*, considerando-o a partir de sua definição como causa do desejo. O objetivo geral é compreender qual seria o estatuto deste desejo, apoiado na hipótese que o modo de gozo na anorexia atravessa as vicissitudes do desejo do sujeito de forma devastadora.

Para o estudo do tema, alguns objetivos nos pareceram fundamentais, como fazer uma pesquisa sobre os elementos históricos e teóricos da anorexia; estudar a irreducibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade, a partir da dialética da demanda e do desejo; investigar sobre o desejo na anorexia, considerando a noção do objeto *nada* enquanto mediador simbólico e enquanto objeto real, causa de desejo; e investigar as implicações do sintoma anoréxico em um caso específico, a partir dos depoimentos de um sujeito em um *blog* na internet.

Como sabemos, o critério que orienta o diagnóstico psicanalítico é o diagnóstico estrutural ou diferencial, de forma que os sintomas devem ser compreendidos na estrutura psíquica em que aparecem. Com Recalcati (2001), entendemos que a anorexia também deve ser compreendida a partir de parâmetros estruturais, já que ela se apresenta de forma diversa na clínica da neurose, da psicose e talvez da perversão. A pesquisa se deteve a investigar o estatuto do desejo na anorexia histérica, portanto, ao utilizarmos o termo anorexia ao longo desta dissertação, estaremos nos referindo à neurose, com exceção dos momentos em que especificarmos alguma situação diferenciada.

Há certa problematização em a anorexia ser ou não considerada como sintoma, já que se trata de uma manifestação em que os recursos simbólicos do sujeito são precários, de forma que este apresenta dificuldades em metaforizar um componente psíquico. Para Recalcati (2007) a anorexia não pode ser considerada como sintoma, pois, segundo o autor, ela não é da ordem da revelação, não tem valor de metáfora, ou seja, não remete a um significante de significado recalcado. Entretanto, o autor observa que isso não quer dizer que a anorexia não tenha um sentido para o sujeito, mas que esse sentido, ao invés de tomar o caminho da metáfora, se encarna no corpo.

Como é notável, na anorexia é o corpo real que se torna suporte para o despojamento de conteúdos inconscientes, sem uma mediação simbólica que os ampare de forma a relativizar seus efeitos sobre o corpo. Compreendemos que esse caráter peculiar da anorexia é sinal de um comprometimento dos enlaces que o

simbólico faz com o real e com o imaginário, o que tem efeitos sobre a maneira com que o sujeito forma seus sintomas. Essa precariedade simbólica, característica dos sintomas contemporâneos, indica um empobrecimento, e não a exclusão do campo simbólico.

Desse modo, no que diz respeito ao sintoma, colocamo-nos numa outra posição que a tomada por Recalcati, posto que entendemos que o sujeito anoréxico apresenta dificuldade em fazer metáfora, e não incapacidade. É certo que a clínica psicanalítica proposta por Freud, desde seus *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1996), baseia-se no sentido metafórico do sintoma. Contudo, acreditamos que não podemos enrijecer a clínica psicanalítica nos quadros clínicos analisados por Freud, já que os sintomas utilizam dos recursos da cultura em suas formações. A precariedade simbólica é um traço da sociedade contemporânea e não somente da anorexia.

No decorrer desta pesquisa, tivemos a oportunidade de participar das reuniões clínicas do Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia (NIAB), do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte. Em um dos encontros da equipe, foi proposta a seguinte questão: “mas, afinal, o que é ser anoréxica?”. Apesar de não podermos nos isentar de utilizar esta terminologia – anorexia, visto que ela já foi incorporada ao meio social e à área da saúde, trata-se de um nome de fato abrangente que designa manifestações bastante diversas. De qualquer maneira, o que se percebe é que as perturbações que estão em questão na anorexia estão menos ligadas à relação do sujeito com a alimentação do que a questões mais fundamentais do sujeito com o Outro. Ainda que o fenômeno alimentar permaneça por muito tempo, os sujeitos em tratamento no NIAB revelam que se trata sempre de uma outra ordem de coisas, sendo que o tornar-se anoréxica aparece como uma resposta dada pelo sujeito a questões muito particulares.

Silva (2008) lembra que a clínica psicanalítica orienta-se pela estrutura subjetiva, e não pelo fenômeno, e que é preciso que se compreenda que, mesmo que os sintomas anoréxicos pareçam não dizer nada e não enviar mensagens, isso não quer dizer que não tenham uma função; esse sintoma tem sim uma função para o sujeito. Podemos pensar que essa função tem a ver com o que Freud (1916-1917/1996) postulou a respeito da satisfação trazida pelo sintoma, forma pela qual os conteúdos inconscientes se manifestam. Entretanto, na anorexia, essa satisfação

fica comprometida no nível simbólico, encontrando no aparato real do corpo uma via de manifestação.

Hekier e Miller (2005), em *Anorexia-Bulimia: desejo de nada*, entendem a anorexia como um sintoma de desejo, um particular desejo de nada. Para estes autores o que ocorre é que na anorexia o corpo goza de maneira diferente de quando se trata de um sintoma conversivo, já que não é um gozo localizado ou da ordem fálica, mas que toma todo o ser do sujeito.

Assim sendo, consideramos a anorexia como um sintoma que encobre a verdade do sujeito, submetendo-o a um modo de gozo que toma o corpo de uma maneira avassaladora. Ao reconhecermos a anorexia como um sintoma, abrimos uma ressalva de que não podemos tratá-la como um sintoma nos moldes apontados pela clínica freudiana, posto que nela percebemos que algo escapa à organização de um sintoma histérico, afinal, ainda que este encontre um suporte no corpo, trata-se de um corpo simbólico, amparado pela linguagem. Na vertente do desejo e do gozo, estudamos algumas peculiaridades da anorexia; sintoma cuja roupagem tem a ver com as vicissitudes do nosso tempo e com certos posicionamentos subjetivos de alguns sujeitos em suas relações objetais.

Nessa chave de leitura, Lima, em seu texto *Anorexia: um sintoma da puberdade* (2009), propõe a anorexia na adolescência como uma solução para um impasse subjetivo, que está ligado à dificuldade que o sujeito apresenta de inscrever o gozo no campo do desejo sexual. Para esta autora, a anorexia pode surgir como uma forma contemporânea de marcar o corpo, já que neste sintoma pode-se perceber uma carência de marcas simbólicas capazes de regular o gozo corporal.

A anorexia escancara para nós um enigma sobre as vicissitudes do desejo de um sujeito cujo corpo encontra-se tão devastado e dilacerado. Como seria possível pensar o desejo numa manifestação que sugere tamanha precariedade? Qual seria o estatuto do desejo num lugar onde o gozo parece reinar soberano? Foram tais questionamentos que motivaram a pesquisadora a tentar compreender a ordem desse desejo.

Atualmente, a anorexia tem sido alvo de discussões na mídia, entre especialistas e leigos, sendo identificada não só entre as modelos de passarelas, como também entre pessoas, especialmente mulheres, que ocupam diversos espaços de convivência. Trata-se de um sintoma que inquieta o saber médico, que se torna fragilizado diante dos melindres do tratamento dos pacientes. Diante deste

embaraço, as classificações nosológicas, como a Classificação de transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10), aparecem como uma tentativa de enquadrar e universalizar os sintomas como sendo transtornos da alimentação. A psicanálise vai à contramão desta concepção generalista, considerando a anorexia não como um transtorno alimentar, mas como um modo de organização subjetivo, tendo em vista a singularidade do modo de manifestação do sintoma anoréxico em cada sujeito.

Fischer (*apud* DUNKER e PHILIPPI, 2003) observa que o número de casos de sintomas relacionados à alimentação praticamente dobrou de 1975 a 1995 nos Estados Unidos. Com relação à anorexia, foi constatado entre 1955 e 1984 um aumento progressivo de casos em adolescentes de 10 a 19 anos. A anorexia foi verificada entre 2% a 5% das mulheres adolescentes e adultas, sendo que nos Estados Unidos este sintoma é considerado a terceira doença crônica mais encontrada entre adolescentes, perdendo apenas para a obesidade e a asma. Ainda não foram encontradas pesquisas que quantifiquem os casos de anorexia no Brasil, entretanto, há que se considerar que se trata de um problema real, ocupando cada vez mais espaços nas instituições de saúde.

No mundo contemporâneo, presenciamos um ideal ferrenho do conceito de beleza, que dita que o corpo atraente está ligado à magreza. Inegavelmente, esse imperativo social tem implicações sobre a vida do sujeito, sobre suas motivações e sobre seus vínculos sociais e afetivos; consideramos, contudo, que este cenário não se constitui como elemento suficiente para determinar a formação de um sintoma anoréxico. Existem conteúdos inconscientes mobilizando a posição do sujeito que recusa alimentar-se (ou ser alimentado), estando sempre insatisfeito com sua imagem corporal e com seu peso.

Como sabemos o homem não lida com o comer do mesmo modo que os animais. Ao entrar na cultura verifica-se uma passagem do caráter instintual para a condição social do homem, fazendo com que o comer esteja atrelado a esta nova condição. Os seres humanos não se alimentam apenas pela necessidade que têm de se satisfazer, mas o fazem conforme as leis da cultura e da civilização. Como observa Recalcati (2007), esta é a condição para a existência de um discurso culinário, em que o “prato” a ser servido é feito para ser visto, admirado, saboreado com os olhos e paladar, despertando preferências e sugerindo modos específicos de comer.

Por isso, a alimentação ultrapassa a noção de satisfação da necessidade, tendo uma composição erótica, de prazer, que começa na amamentação, sendo desenhada nos primeiros anos de vida. “Não é apenas fome, mas apetite. A dimensão simbólica do alimento é a parte mais rica e é ela que assegura o desejo, o prazer de se alimentar” (MORAIS, 2000, p. 78). Dessa forma, ao se fazer sujeito de linguagem, o homem sai da condição de organismo movido por instintos para obter um corpo pulsional, ou seja, um corpo erógeno, que se divide em zonas de prazer, mostrando que as necessidades humanas são pervertidas pela linguagem.

Dessa maneira, mesmo sendo um sintoma que está vinculado à questão alimentar, na anorexia o objeto de desejo não é o alimento. A recusa alimentar retrata uma recusa ainda mais fundamental, a recusa daquele que lhe oferece o alimento, como veremos no decorrer deste trabalho. Para além da alimentação, a anorexia toca num aspecto importante: a função que a recusa alimentar tem para cada sujeito.

Neste sintoma, o corpo apresenta-se deteriorado e muito fragilizado, com alterações orgânicas, fisiológicas e comprometimento das funções vitais. O corpo parece querer dizer o que não pode ser dito pela via da fala, retornando no real do corpo um componente psíquico sem representação, que repercute no corpo do sujeito anoréxico demonstrando como um corpo, ainda que vivo, pode mostrar-se tão mortificado. Nesse sentido, buscamos compreender o que e como se pode depreender algo sobre a condição desejante de um sujeito que mostra no corpo a marca de seu desaparecimento.

Assim, a psicanálise institui um campo de pesquisa cujo objeto – o inconsciente – não pode ser mensurável (como propõe o positivismo) nem isento da interferência da subjetividade. De acordo com Pinto (1999), em psicanálise não temos referentes empíricos observáveis, mas, ao contrário, estamos tentando conhecer um objeto que é inconsciente e que não se deixa conhecer, o que revela uma falta de harmonia entre o sujeito e o objeto, revelando a impossibilidade do saber absoluto.

De qualquer modo, deve-se dizer que a psicanálise tem uma relação de dependência com o discurso da ciência. Ela se apoia, em sua vertente científica, em um objeto e em uma estrutura teórica, mas suas finalidades extrapolam os limites da ciência. A verdade para a psicanálise não é, então, a do aparato simbólico construído, mas exatamente a impossibilidade de o

sujeito se representar nesse saber, seja na pesquisa clássica ou na associação livre. (PINTO, 1999)

É a partir desse enfoque metodológico e dos conceitos da psicanálise que este trabalho busca compreender a anorexia na neurose e sua relação com o desejo. Levar em consideração o sujeito e seu desejo é uma condição ética da psicanálise, a qual entendemos também como um princípio orientador desta pesquisa.

Realizou-se um estudo das principais contribuições teóricas dos autores que, além de Freud e Lacan, discutem a respeito do tema proposto, dentre eles Cosenza (2008), Recalcati (2001 e 2007), Hekier e Miller (2005) e Eidelberg (2009), a fim de analisar suas propostas, pontos de convergência, discordância e evolução conceitual, para que seja possível a compreensão do tema. Desse modo, a pesquisa aplicada na realização dessa investigação foi a pesquisa bibliográfica, a qual

[...] é o ponto de partida de toda pesquisa, levantamento de informações feito a partir do material coletado em livros, revistas [...]. É feito a partir de fontes primárias que ocorre quando o pesquisador remete-se à obra direta do autor, em seu original, e secundária quando o pesquisador remete-se à obra a partir da leitura de um outro autor que escreve sobre o assunto abordado. (BOENTE e BRAGA, 2004, p. 11)

A pesquisa bibliográfica viabilizou uma articulação entre o tema, problema e os objetivos da pesquisa, possibilitando agregar maiores conhecimentos sobre o assunto e criando a oportunidade de conexões entre as questões que circundam a problemática. A pesquisa nas fontes bibliográficas também possibilitou a observação dos avanços teóricos que o tema alcançou ao longo dos anos e a compreensão de sua atualização na contemporaneidade.

Para que a leitura bibliográfica fosse desenvolvida de modo eficiente e coerente, foram utilizados os procedimentos sugeridos por Andrade (2002). Inicialmente, foi realizada uma leitura prévia ou de contato, que consistiu na busca das informações sobre o tema em títulos, subtítulos e prefácios das obras e escritos explorados. Em seguida, uma leitura seletiva, mais detida nos conteúdos da bibliografia, possibilitou maior aproximação das informações úteis para a pesquisa. A partir disso, foi preciso uma leitura crítica ou analítica, que objetivou a apreensão e análise do seu conteúdo. Finalmente, a leitura interpretativa possibilitou o estabelecimento de relações entre os conteúdos, confronto de ideias e opiniões,

bem como uma reelaboração das ideias advindas das leituras realizadas. Durante o processo de leitura foram elaborados fichamentos, nos quais foram registradas as principais notas bibliográficas, bem como as considerações da pesquisadora.

Como já havíamos mencionado, durante nossa pesquisa tivemos a oportunidade de participar das reuniões clínicas no Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia (NIAB). Este núcleo funciona no modelo ambulatorial, recebendo pacientes com casos de anorexia e bulimia associados ou não a outros sintomas. As reuniões aconteciam em geral uma vez por semana, com apresentações de casos, supervisões e, por vezes, apresentações de pacientes, o que teve uma importância relevante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Devido à inviabilidade de contatos diretos com pacientes com sintomas anoréxicos em instituições de saúde ou outras, optamos por pesquisar em *blogs* sobre anorexia o que os sujeitos participantes dizem e compartilham.

A escolha pelo *blog* a ser trabalhado levou em conta duas condições. A primeira era a de que seu criador se reconhecesse como anoréxico; a segunda era de que o diário oferecesse conteúdos significativos que pudessem elucidar melhor o tema. Ainda que as publicações em um *blog* sejam material de domínio público, colocado à disposição dos leitores ao ser publicado na internet e mesmo sabendo que seu criador em geral não revela sua verdadeira identidade, preferimos não identificá-lo, em função de tentar preservar o sujeito de situações inconvenientes. Nomearemos a autora do *blog* de Ana Luíza, pseudônimo escolhido, em parte, aleatoriamente, já que, nos *blogs* em que encontramos depoimentos de meninas ou mulheres anoréxicas, todas elas são Anas. É importante dizer que a proposta de trabalharmos com os depoimentos deste *blog* passou pela avaliação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o qual autorizou a utilização dos conteúdos do *blog* em nossa pesquisa.

Os depoimentos publicados no diário virtual de Ana Luíza foram analisados sob a ótica do tema da pesquisa, e seus fragmentos foram utilizados no corpo da dissertação, a fim de contribuir para a investigação e esclarecer sobre o tema estudado.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro deles abordará a contextualização histórica e conceitual da anorexia, a fim de contextualizarmos o tema. Serão apontadas também as conceituações lacanianas do binômio *demanda*

e *desejo* com o intuito de compreendermos de que forma a anorexia pode se situar nesta dialética.

O segundo capítulo abordará o estatuto do desejo na anorexia, a partir de duas noções do nada. A primeira noção refere-se ao objeto nada no campo simbólico, utilizado pelo sujeito anorético para proteger seu desejo; a segunda está ligada à consideração do nada como objeto *a*, objeto real, causa de desejo e substância de gozo. Nesse sentido, este capítulo aponta a revisão que Lacan faz da noção de objeto, que passa de simbólico a objeto real, repercutindo na concepção do objeto na anorexia.

No capítulo três, por sua vez, será abordado o conteúdo do *blog* de uma anorética, cujos depoimentos ajudarão a esclarecer as conceituações trabalhadas nos capítulos precedentes. Os relatos publicados pelo sujeito neste diário virtual constituem um importante material para nossa pesquisa, visto que contém elementos que tratam da posição do sujeito em relação ao sintoma anorético, apontando que a problemática do desejo e do gozo é fundamental nestas manifestações clínicas. Neste caso clínico, poderemos notar como o objeto nada surge como vestimenta do objeto *a*, e tentaremos compreender os atravessamentos pelos quais passa a condição do sujeito desejante na anorexia.

Assim, este trabalho dá ênfase à ética do desejo para compreender um sintoma que está cada vez mais inserido no meio social, colocando impasses na dimensão da clínica. Há, portanto, uma importância ética, clínica e teórica que justificam a proposta desta pesquisa.

2 A ANOREXIA E A IRREDUTIBILIDADE DO DESEJO À DEMANDA

O percurso que se segue irá nos introduzir na problemática do estatuto do desejo na anorexia histérica, a fim de compreendermos, por meio da noção do objeto, de que forma a anorexia demonstra a irredutibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade. Faremos um percurso histórico teórico-conceitual da anorexia, trazendo considerações de estudiosos e pesquisadores que se interessaram pelo assunto, chegando às contribuições lacanianas sobre o tema.

Como a discussão acerca do objeto e suas relações com o desejo na anorexia é o eixo que orienta nosso trabalho, a importância da demanda e do desejo na constituição do sujeito não poderia deixar de ser investigada. Para tanto, o sonho da Bela Açougueira, analisado por Freud e comentado por Lacan, nos dá uma compreensão mais clara sobre a dialética da demanda e do desejo. Este percurso nos levará às primeiras considerações lacanianas sobre a noção do objeto na anorexia e a forma como o sujeito o articula para fazer existir seu desejo, que definitivamente não se reduz ao objeto da necessidade.

2.1 Contextualização histórica e social da anorexia

A anorexia é um tema atualmente polêmico, mas já esteve presente em outras épocas e culturas em que a exaltação do corpo magro não era tão opressora como o é na contemporaneidade. O que se percebe é que apesar das imposições da cultura contemporânea sobre o ideal de beleza e de corpo perfeito, que inegavelmente tem repercussões na sociedade, a anorexia mostra uma outra face do discurso capitalista dominante, que é a face do horror, despertando olhares de perplexidade no lugar da admiração, subvertendo a lógica que torna sinônimos *magreza* e *beleza*. Meios de comunicação, instituições de saúde e beleza, profissionais e pesquisadores, pais e adolescentes interessam-se, cada qual com seus motivos, por esta manifestação que provoca certo incômodo aos olhos do expectador, que se espanta ao se deparar com uma determinação tão ferrenha na recusa do alimento oferecido em abundância. Trata-se de uma condição totalmente

desarticulada aos padrões sociais de beleza, saúde e normalidade, já que leva o sujeito a desafiar os limites de seu corpo, e a chegar próximo da desfiguração e da morte.

Não é difícil perceber que atualmente grande parte das pessoas são levadas a justificar a anorexia a partir da influência cultural. Como sabemos, a contemporaneidade privilegia corpos magros, esguios, livre de gorduras, incentiva uma alimentação seleta para fins de saúde e beleza, e torna os *ligths* e *diets* indispensáveis para a prevenção e “tratamento” de um peso indesejável. Além disso, os manequins, em especial o “tamanho único”, definem a forma magra como esperada e desejada, marginalizando as pessoas que não se enquadram neste padrão. Em consequência deste culto ao corpo magro, há uma tendência em responsabilizar a cultura e os meios de comunicação (que propagam este ideal de beleza) pela proliferação dos casos de anorexia em nossa sociedade.

Entretanto, devemos nos perguntar por que será que tantas outras pessoas, submetidas ao mesmo ideal social de magreza, não são tão afetadas por ele? A psicanálise entende que embora as condições sociais sejam relevantes, elas não são determinantes, e desse modo considera que a anorexia não se trata de uma síndrome social, mas uma posição do sujeito. Nesse sentido, para a psicanálise trata-se não de insistir no sentido social, mas de incluir o sujeito.

Outro ponto que devemos considerar é que a magreza do corpo anoréxico adquire proporções que não correspondem ao ideal de corpo belo. O corpo de um sujeito anoréxico parece afrontar esta imposição de beleza, causando espanto aos olhos de quem o vê. Como observa Ferrari (2004, p. 104), o anoréxico “é aquele que diz do retorno da verdade recalcada pela sociedade consumista e globalizante do mundo atual. Sociedade que prioriza a ética da satisfação e não a ética do desejo”.

Não podemos negar que a cultura está implicada nas formas de relacionamento entre as pessoas, seus comportamentos e anseios. Atualmente, estudiosos da anorexia como Recalcati (2007), Schejtman (2009), Godoy (2009) e Dafunchio (2009) falam do declínio da função paterna, da fragilidade simbólica de algumas manifestações sintomáticas, da decadência de referências e ideais na sociedade. Entretanto, não significa que seja por uma causa social que os sintomas aparecem. Talvez possamos dizer que essa seja uma marca dos sintomas contemporâneos e não a causa deles. Deste modo, pensamos que algo de mais fundamental e estrutural precipite as formações destes sintomas – que aparecem

com a marca de seu tempo – ou seja, as condições psíquicas do sujeito diante deste contexto sócio-cultural.

Apesar do grande interesse que a anorexia tem despertado, sendo explorada pela mídia com a divulgação de casos, campanhas de conscientização e debates, verificamos a incidência deste sintoma em períodos muito anteriores. Talvez a anorexia tenha alcançado maior abrangência na atualidade, mas não podemos dizer que se trata de um sintoma emergente.

De acordo com um estudo feito por Ferrari (2004), Escayola (1997) aponta o tratamento de uma princesa com quadro de anorexia e depressão no século XI. Também no século XIII, Seraut era apresentado como “esqueleto vivo” em público, como uma espécie de atração para surpreender as pessoas. Na Primeira grande Guerra Mundial, homens-esqueletos eram exibidos e denominados “artistas da fome”, novamente como atração pública. A pulsão escópica, atravessando a história da humanidade, leva os expectadores a experimentarem um misto de horror e perplexidade diante de corpos tão descarnados.

Também são conhecidos vários casos de ascetismo religioso ligados à inanição. Dentre eles, Catarina de Siena, que conforme descreve Bidaud em seu livro *Anorexia: mental, ascese, mística* (1998), começou suas privações alimentares aos sete anos de idade, recusando-se a comer carne. Na vida religiosa, ela aumentava sua penitência na proporção em que reduzia sua alimentação. Em determinado momento, Catarina decidiu não se alimentar de coisa alguma. Com 33 anos de idade, encontrando-se em Roma com numeroso séquito de discípulos, Catarina, já bastante doente, ditou a sua última carta: “Meu corpo não aceita alimento algum, nem mesmo uma gota de água, e [sofro] tantos doces tormentos corpóreos como nunca os tive iguais, a ponto de minha vida estar por um fio” (Weinberg, 2009). Recusando-se a ingerir até mesmo água, Catarina morre por inanição.

Diante da ausência de uma explicação razoável para estes fenômenos, estudiosos e pesquisadores buscam uma compreensão dos mesmos, a partir de suas hipóteses e conhecimentos. Segundo Bidaud (1998), o inglês Richard Morton publicou em latim o livro *Tisiologia da doença da consunção* em 1689, no qual descreve que a consunção ou atrofia nervosa se baseia em três principais sintomas, que são a perda do apetite, amenorréia e o emagrecimento significativo, cuja explicação deveria ser buscada. Um século depois, em 1789, o francês Naudeau fez

uma descrição sintomatológica da doença da consunção, descrevendo-a como uma doença dos nervos marcada pela repulsa aos alimentos.

De acordo com Bidaud (1998), no começo do século XIX, Pinel faz uma primeira reflexão sobre as condutas alimentares que tinham a ver com o luxo da mesa dos ricos, extravagâncias, orgias, embriaguez e os jejuns e abstinências. Esses excessos e privações compunham as chamadas neuroses digestivas, como a bulimia e a anorexia. Para Pinel (1813), citado por Bidaud (1998), as questões ligadas à alimentação se relacionam ao contexto social e cultural, de acordo com as regras e rituais que fazem parte das práticas alimentares, e conforme a maneira com que a sociedade lida com a comida em determinado momento da história e em determinada cultura.

Segundo Recalcati (2007), Lasègue (1873) foi o psiquiatra que primeiro situou a anorexia como síndrome psicopatológica autônoma, clinicamente específica da psiquiatria, o que foi também apontado pelo psiquiatra Gull (1874).

O termo anorexia tem etimologia grega, *-na* que significa *não* ou *privação*, e *-orexis* quer dizer *apetite* ou *desejo*, o que traz dois sentidos diferentes, a falta do apetite (ou desejo) ou a privação do mesmo. Assim, a recusa da comida pode estar relacionada à perda da vontade de se alimentar (perda do apetite, não da fome), do desejo de comer, como também pode estar ligada a uma situação em que há apetite, mas ele vem acompanhado da decisão do sujeito de controlá-lo, submetendo o que é da ordem do desejo à vontade do sujeito.

Como observa Recalcati (2007), Lasègue e Gull apontam duas perspectivas importantes para a clínica da anorexia na atualidade. Lasègue entendia que a anorexia deveria ser compreendida no campo da histeria e, portanto, denominava-a de anorexia histérica. Para ele a anorexia estava relacionada à perversão intelectual, levando o sujeito a denegar sua condição de sofrimento, o que caracterizava a condição de desconhecimento do sujeito com relação a si próprio.

A concepção de Gull era diferente, de acordo com Recalcati (2007). Para Gull a anorexia estava relacionada a aspectos constitucionais, “nervosos”, por isso a terminologia “anorexia nervosa”. Bidaud (1998) observa que para Gull a anorexia era definida como uma privação do apetite, donde se percebe uma mudança na compreensão da recusa do anoréxico. Neste momento, ela passa da condição de perda do apetite, como supunha Morton (1689), para a condição de privação do apetite, com Gull (1874). Essa nova concepção traz a ideia de uma implicação

voluntária do sujeito na recusa aos alimentos, ou seja, uma decisão pela não ingestão dos mesmos, não por falta de apetite, mas por um propósito do sujeito.

Bidaud (1998) observa que Lasègue também esteve atento às condições psíquicas dos anoréxicos, identificando neles uma quietude com relação à doença, como uma espécie de consentimento, o que o levou a comparar a anorexia a um estado de alienação. Lasègue supunha que na anorexia estaria presente alguma dimensão ainda oculta que mantinha o sujeito fixado no sintoma, como a dimensão do prazer ou do gozo. Algumas características da anorexia o levaram a essa hipótese, como o prazer do autocontrole não só dos alimentos, mas das diversas situações e pessoas, além do autoerotismo mantido pela fome.

Desse modo, a psiquiatria investigava esses fenômenos da alimentação como transtornos, cujo tratamento seria fazer com que o paciente voltasse ao seu peso ideal, ou seja, o objetivo do tratamento era que o sujeito retornasse ao padrão saudável de corpo e de peso sem colocar em pauta as questões subjetivas que levaram o sujeito a apresentar tal sintoma. Nesse sentido, a psiquiatria reuniu seus esforços para classificar, descrever e corrigir as deformidades corporais e comportamentais apresentadas pelos pacientes anoréxicos, o que, de alguma forma, pressupõe um tratamento ortopédico do sintoma.

A psicanálise, por sua vez, desde Freud, esteve interessada em analisar os processos causadores do sintoma anoréxico, buscando sua explicação nos fatores subjetivos vinculados à recusa alimentar. Para a psicanálise, portanto, a anorexia não é considerada nem classificada como um transtorno que deve ser reajustado, mas como um sintoma, uma forma que o sujeito encontra de se organizar subjetivamente.

Sendo assim, Freud enveredou-se na investigação da anorexia em alguns de seus casos clínicos, prestando pertinentes contribuições. Em *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1892-1893), o autor menciona que foi chamado a exercer a hipnose em uma mulher que não conseguia amamentar seu filho, apesar de pretender fazê-lo. A paciente sentia dores ao amamentar, produzia pouco leite, tinha insônia e havia apresentado aversão aos alimentos, o que ocorreu após o nascimento dos seus três filhos. Neste caso, Freud observou um mecanismo característico da histeria e o identificava como uma perversão da vontade, incompreensível para a paciente, visto que sua vontade em amamentar era resoluto, mas impotente.

Emmy Von, outra paciente de Freud, também apresentava sintomas de anorexia, como descreve o autor em *Casos clínicos* (1893/1996). A paciente, com o diagnóstico de histeria, não tinha o hábito de se alimentar, e quando o fazia, sentia-se mal. As investigações de Freud através da hipnose levaram-no a entender a anorexia de Emmy Von como um tipo de abulia proveniente de associações cheias de afeto, vinculadas a cenas traumáticas da infância.

A anorexia da nossa paciente oferece o mais brilhante exemplo dessa espécie de abulia. Ela comia tão pouco por não gostar do sabor, e não podia apreciar o sabor porque o ato de comer, desde os primeiros tempos, se vinculava a lembranças de repulsa cuja soma de afeto jamais diminuía em qualquer grau; e é impossível comer com repulsa e prazer ao mesmo tempo (FREUD, 1893/1996, p. 118).

Nas sessões de hipnose a paciente expressava repugnância ao se lembrar das cenas em que era forçada a comer refeições frias e ao relembrar sua impossibilidade de expressar seus afetos de incômodo ao se alimentar junto aos irmãos doentes, de quem cuidou. Para Freud a anorexia de Emmy Von funcionou como uma paralisia psíquica, em que os afetos ficam vinculados a experiências traumáticas do passado e sua memória, emergindo pouco a pouco na consciência da paciente.

Outra referência feita por Freud à anorexia é encontrada no Rascunho G, também em 1895, onde o autor a associa à melancolia, em que não há um desenvolvimento da sexualidade. Em termos sexuais, Freud considera a perda do apetite como perda da libido, em que o interesse sexual e o interesse pelos diversos objetos saem do campo do erotismo. Entretanto, em nota de rodapé, acrescenta-se que em diversos momentos o termo melancolia é utilizado pelo autor como sinônimo de depressão. Por isso, consideramos que o apontamento que Freud faz sobre a perda da libido na anorexia poderia ser verificado tanto na psicose melancólica, em que a libido do sujeito se esvai junto com a perda do objeto, quanto na anorexia histérica, em que geralmente verifica-se um declínio do erotismo e da sexualidade.

Continuando suas reflexões, Freud, na carta de número 105 a Fliess (1899), ao mencionar sobre os ataques histéricos, afirma que não só os sonhos são realizações de desejo, mas também são os sintomas. Para Freud, diferente dos sonhos, os sintomas não são somente realizações de um desejo recalcado, ou seja, “[...] um sintoma, que está inserido no meio da vida, precisa constituir algo mais,

além disso: precisa ser também a realização de desejo do pensamento recalculator” (FREUD, 1899/1996, p. 329). Para o autor, o sintoma surge quando o pensamento recalculator e o pensamento recalculator conseguem juntar-se na realização do desejo. Contudo, o sintoma, ao se constituir como uma autopunição, segundo Freud, nos remete mais à realização de um pensamento recalculator. Esse comentário do autor nos faz pensar que este termo recalculator está se referindo ao ego, na medida em que este é responsável por recalcar conteúdos inconscientes, sendo uma instância de mediação entre o *id* e o mundo externo, o que faz do sintoma um acordo entre diferentes instâncias psíquicas. Por outro lado, quando Freud afirma que o sintoma, ao se constituir como uma medida de autopunição, trata-se de uma realização do pensamento recalculator nos parece um prenúncio da instância superegoica que o psicanalista irá trabalhar especialmente no texto *O Ego e o Id* (1923/1996), em que o superego está ligado à interdição e à consciência moral, que pune o sujeito.

De todo modo, o que nos interessa dizer é que como a pulsão quer ser satisfeita, o sintoma surge como um acordo entre o ego e o *id*, como um derivado dos conteúdos libidinais, conforme as indicações de Freud (1899/1996). Esse acordo, essa formação de compromisso, que é o sintoma, implica uma vertente de realização de desejo na medida em que os conteúdos do *id* conseguem uma saída pelo sintoma, ainda que de forma distorcida e disfarçada, mas também surge como sofrimento, com uma vertente de autopunição pela gratificação que o sujeito alcança neste mesmo sintoma. Para exemplificar esta situação, Freud relata a Fliess que uma de suas pacientes padecia de vômitos histéricos por fantasiar estar grávida de seu último amante. Se por um lado havia a gratificação da fantasia de gravidez, por outro lado, o vômito adquiria o sentido de punição, fazendo com que ela ficasse magra sem atrair homem algum.

Em *O método psicanalítico de Freud* (1904[1903]/1996) o autor parece se preocupar com a gravidade com que alguns sintomas se manifestam no corpo, alertando aos analistas que, de início, estes não devem ser encaminhados à psicanálise. Freud considera que a anorexia é um desses casos que necessitam da rápida remoção dos sintomas clínicos e, segundo ele, é preciso aguardar uma fase mais tranquila para que o paciente seja submetido a tratamento psicanalítico. Este apontamento é retomado no texto *Sobre a psicoterapia* (1905[1904]/1996, p. 250), quando Freud aponta que “não se deve recorrer à psicanálise quando se trata de eliminar com rapidez fenômenos perigosos, como, por exemplo, na anorexia

histórica”. Esta colocação de Freud, em nossa compreensão, não significa dizer que a anorexia não compete à psicanálise, mas alerta sobre a importância de se reconhecer que determinados estágios da anorexia oferecem risco à vida do paciente, sendo necessário a intervenção de métodos mais incisivos de tratamento, já que a psicanálise não visa à remoção rápida dos sintomas.

Mais tarde, em *História de uma neurose infantil* (1918[1914]/1996), Freud retoma o tema da anorexia, recolocando suas considerações sobre esse sintoma, sendo notável um novo posicionamento (talvez não excludente) de sua parte. O que ele propõe é que na época da puberdade ou pouco depois, a anorexia exprime um tipo de aversão à sexualidade nas meninas. Nesse momento, Freud relaciona a anorexia a uma erotização da organização oral, remetendo-a à fase oral da vida sexual. Em Freud notamos que a oralidade, tomada em sua dimensão sexual, deixa marcas permanentes no uso que o sujeito vai fazer da linguagem, o que se evidencia na relação que comumente se faz entre o objeto oral e as gratificações sexuais.

Lacan também traz contribuições relevantes para a compreensão da anorexia. O autor articula este sintoma ao objeto oral, o qual é representado pelo objeto nada, na medida em que é disso que o sujeito anoréxico se alimenta. Este objeto encontra-se no centro do ensino de Lacan sobre a anorexia adquirindo sentidos diferentes em especialmente dois momentos de sua obra, segundo as indicações de Cosenza em seu texto *Os dois circuitos de Lacan sobre a anorexia em sua relação com o objeto* (2008), e Recalcati em *A última ceia: anorexia e bulimia* (2007). Num primeiro momento, especificamente em *O Seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-1957), e no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958), Lacan toma o objeto nada a partir de seu estatuto simbólico, surgindo como um objeto que cria uma distância entre a criança e a mãe, ou o Outro. No seminário 4, Lacan nos remete à ausência de reciprocidade entre o objeto da necessidade e o objeto da demanda, o que também acontece com o objeto da demanda e o objeto de desejo, esclarecendo a distinção conceitual destas instâncias. Esta ideia é retomada em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, no qual Lacan aponta que muitas vezes o Outro não é capaz de perceber essa ruptura entre o objeto da demanda e o objeto do desejo, confundindo seus cuidados com o dom do seu amor. Para o autor, a anorexia está atrelada aos desdobramentos das relações objetais. Mais tarde, em *O Seminário, livro 11: Os*

quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964), Lacan aborda o objeto *nada* pela via do real, constatando certa substancialidade do objeto, o que se configura pela teorização do objeto *a*.

Como podemos perceber ao longo da história, os sintomas anoréxicos foram adquirindo contornos variados, sendo motivo de *voyerismo* e exibicionismo, funcionando como forma de expiação dos pecados, passando pelo *glamour* das passarelas e pelas ruas das cidades mantendo um fio de ligação ao longo dos séculos de sua existência. A recusa é uma marca trivial da anorexia na neurose histórica, surgindo com alguma funcionalidade para o sujeito, que persiste em provar a todo custo a diferença entre o que precisa e o que deseja.

Nessa direção, torna-se importante sublinharmos como a psicanálise posiciona-se de forma diferente da perspectiva médica em relação à anorexia. A medicina e a psiquiatria se esforçam para descrever os fenômenos e classificar a anorexia como um transtorno, tomando-a de forma generalista. Como observa Ferreira (2003) em *Anorexia e Bulimia: a condução do tratamento*, esses fenômenos são designados na medicina como uma dupla obsessão, tanto pelo corpo quanto pela comida, o que encontra respaldo na Classificação Internacional das Doenças, a CID-10. A psicanálise rompe com esse modelo, interessando-se pela forma peculiar que a anorexia aponta para algo do particular de cada sujeito, que constrói seus sintomas como resposta às motivações inconscientes.

Nesse sentido, a anorexia pode ser tomada como singular na medida em que se considera o sintoma de cada sujeito, mas também podemos notar seu caráter plural, posto que se trata de uma manifestação que se apresenta nas várias estruturas clínicas e de diversas formas. Desse modo, a anorexia pode se apresentar como uma solução para um conflito psíquico na neurose, como uma forma de dar suporte ao sujeito psicótico, podendo também surgir à maneira dos casos indefinidos quanto à estrutura, ou ainda aparecendo como sintoma principal ou como elemento periférico de outro sintoma. A ética da psicanálise pressupõe que o sujeito seja considerado a partir do que ele preserva de mais íntimo e distinto, ou seja, seu desejo.

2.2 Demanda e desejo em Lacan

Os sintomas anoréxicos nos mostram que apesar do indivíduo possuir necessidades corporais cuja satisfação é imprescindível para sua sobrevivência, a constituição do sujeito ultrapassa essa dimensão biológica, pois ele está cindido definitivamente pela linguagem e marcado pelo desejo. Iniciaremos este tópico com algumas considerações de Freud a respeito da constituição do desejo e posteriormente trabalharemos as contribuições lacanianas acerca da dialética da demanda e do desejo.

Em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996), Freud postula que um organismo possui necessidades biológicas que se manifestam através de uma excitação endógena, da qual o organismo por si só não consegue escapar. Esse acúmulo de tensão produz uma sensação de desprazer, que só cessa quando é eliminado o estímulo da fonte através de uma ação específica. Nesse texto, Freud observa que como uma criança recém-nascida não é capaz de providenciar essa ação, seu estado de necessidade lhe deixa assujeitada aos cuidados de alguém. Em geral, é a mãe que vem suprir as necessidades da criança, proporcionando a esta sua primeira experiência de satisfação.

Em seu texto *Interpretação dos Sonhos* (1900-1901/1996), no tópico *Realização de desejo*, Freud discorre sobre a primeira experiência de satisfação, afirmando que a imagem do objeto que traz satisfação constitui o traço mnêmico da satisfação, associado ao traço da necessidade.

O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto *momentâneo*¹, mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do auxílio externo), chega-se a uma 'vivência de satisfação' que põe fim ao estímulo interno. Um componente essencial da vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. (FREUD, 1900/1996, p. 594).

¹ Grifo da autora.

A partir daí, as outras experiências terão conexão com a primeira, e o impulso psíquico investe a imagem mnêmica do traço do objeto novamente, reconstituindo a cena da primeira satisfação, a fim de obter a satisfação original. Freud chama de desejo o reinvestimento da imagem mnêmica da percepção em *Interpretação dos sonhos*, afirmando: “Uma emoção dessa espécie é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização de desejo” (FREUD, 1901/1996, p. 595), colocando o desejo na dimensão de busca, de movimento em direção ao objeto perdido.

Para a criança, o primeiro objeto que traz satisfação é considerado como o objeto que permite a realização plena, a sensação de completude, e a cada nova necessidade o sujeito busca obter a mesma satisfação, aquela que lhe trouxe uma imagem de realização. O desejo vem se interpor aí onde, de satisfação em satisfação, o sujeito ainda não está satisfeito, já que o objeto perdido está perdido para sempre, como indica Freud (1900-1901/1996). Trata-se de uma busca constante para reencontrar um objeto perdido que, na verdade, nunca existiu. Na neurose, presumimos que o sujeito esteja às voltas com esse objeto perdido, empenhado em sua busca de resgatar este objeto na ilusão de retomar a suposta condição anterior de plenitude.

O que podemos constatar na teoria freudiana é que a constituição do desejo está atrelada à primeira experiência de satisfação, que se configura como um protótipo do desejo. A teorização freudiana sobre o desejo vincula o desejo à nostalgia do objeto perdido, fazendo com que o sujeito de desejo esteja numa perpétua busca do objeto, que está sempre à frente, a ser alcançado.

Com a primeira experiência de satisfação, e na medida em que a mãe dá sentido ao grito da criança, interpretando seu choro e satisfazendo suas necessidades, ela passa a ocupar o lugar do Outro provedor. Ao dar sentido ao grito, a mãe vai introduzindo a criança na dialética simbólica, e o grito, que antes se tratava de uma descarga motora, passa a ser um chamado, retirando o sujeito do patamar da pura necessidade para lhe proporcionar a imersão no mundo simbólico. Quando a criança é absorvida pelos signos, seu grito passa a ter um endereçamento: ela grita para a mãe.

É ao Outro que o sujeito envia seu apelo incondicional, ao Outro como o lugar do significante – conforme Lacan (1960/1978). Esse pedido é um apelo para que a mãe venha atender suas necessidades não só biológicas, mas de amor, o que indica

a transformação da condição de necessidade de um organismo para a demanda do sujeito. Esta mudança só se torna possível porque o corpo ou organismo é atravessado pela linguagem marcando o sujeito de forma irreversível. A entrada da linguagem enquanto significante cinde o sujeito radical e definitivamente, fazendo com que ele se perca de sua natureza instintual, para tornar-se um sujeito de corpo pulsional.

É importante perceber que esse é um deslocamento feito pelo Outro, já que a criança, ainda sem apropriação dos signos, não poderia fazer essa passagem sozinha. A interferência do Outro na situação caótica de necessidade da criança permite a esta um salto para o simbólico.

Para Lacan, em *O Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961/1992), o desencontro entre a demanda do sujeito e as respostas que lhe são dadas se deve ao fato de que o desejo do sujeito não encontra respaldo nos objetos da demanda, de modo que tudo o que é tendência no sujeito encontra-se num além e num aquém da demanda. O que indica esse mais-além é a demanda de amor, insistente e insaciável. No lugar de aquém da demanda encontramos o desejo, na especificidade do objeto parcial, *a*, ao qual ele se refere.

O binômio *demanda* e *desejo*, compreendido por Lacan (1960-1961/1992), como fundamental na constituição do sujeito, apresenta uma dinâmica essencial na composição do sintoma anoréxico, especialmente na primeira orientação lacaniana a respeito do objeto na anorexia. É nela que o autor aponta que o que é demandado pelo sujeito, ou seja, o dom do amor, é oferecido pelo Outro sob o equívoco do objeto da necessidade, o alimento, suprimindo o desejo do sujeito. Como nos aponta Lacan (1960-1961/1992), há um ponto de ambiguidade na demanda, pois ao mesmo tempo em que ela pede para ser atendida, caímos numa armadilha quando a atendemos a partir de um discurso concreto, visto que o que a demanda traz do desejo inconsciente só sobrevive na não satisfação. Para Lacan, a demanda não é passível de ser compreendida e respondida de forma direta, já que o que ela comporta está além e aquém dela mesma, ou seja, o desejo.

Para Lacan (1960-1961/1992), o aparecimento da demanda só é possível a partir da entrada do Outro como sendo o campo dos significantes, introduzindo o sujeito no mundo simbólico de maneira irreversível, marcando o sujeito com a linguagem e possibilitando sua passagem do campo da necessidade para o mundo simbólico. Nesse sentido, o sujeito encontra-se alienado ao campo do Outro. A

demanda, cuja estrutura só é possível a partir da apropriação da linguagem pelo sujeito, é, portanto, o campo das relações do sujeito com o Outro, de sua inserção no campo do Outro.

Lacan, em *O Seminário, livro 5: a relação de objeto* (1957-1958/1999) constata que na primeira infância a impotência da criança leva-a a depender inteiramente da demanda, alienando a estrutura de seu desejo ao Outro. Nesse sentido, o objeto oral e o objeto anal são introduzidos para mediar as relações do sujeito com o Outro, de modo que o objeto oral está relacionado à demanda do sujeito ao Outro e o objeto anal está ligado à demanda do Outro ao sujeito.

Para Lacan (1960-1961/1992), o objeto oral entra na dialética da demanda, podendo ser incorporado ou rejeitado pela criança, assim como o objeto anal entra na relação do sujeito com o Outro e nas trocas que estabelecem, sendo que a retenção e a oferta do objeto anal podem estar ligadas ao fato do sujeito atender ou não à demanda do Outro. Os objetos oral e anal são introduzidos como operadores da dialética de alienação e separação do sujeito com o Outro, discussão que será retomada no próximo capítulo.

Num tempo subsequente a esta dialética primária da demanda, chega-se à fase genital, em que o sujeito, marcado pela castração, torna-se sujeito de desejo, o que só é possível, a partir do reconhecimento do Outro castrado.

Lacan, em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "psicanálise e estrutura da personalidade"* (1960/1998) afirma que o sujeito reconhece que para além da demanda do Outro existe seu desejo, como signo de sua falta. O reconhecimento do desejo do Outro permite que o sujeito se depare com o seu próprio desejo, constituído pelo desejo do Outro, mas distinto deste. Esse processo tem implicações na economia psíquica do sujeito, já que permite que a distinção entre o sujeito e o Outro se estabeleça definitivamente. A castração do Outro se torna fundamental na constituição do sujeito como ser desejante.

É preciso que o sujeito apreenda essa dimensão além da demanda, onde se situa o desejo do Outro. Entretanto, Lacan (1960/1998) informa que desejo e demanda não são pensados de forma isolada. O autor afirma que "o desejo se esboça na margem onde a demanda se rasga da necessidade" (LACAN, 1960/1998, p. 828), ou seja, a margem do desejo é aberta pela demanda de modo a explicitar a falha que a necessidade produz no tocante à impossibilidade da satisfação plena. A demanda denuncia essa falha e abre para o que é possível: o sujeito desejar. Desse

modo, o desejo encontra-se alinhavado na demanda e só pode ser comunicado, ainda que de forma distorcida e confusa, a partir dela.

A princípio, o desejo em Lacan era entendido como desejo de reconhecimento do outro, seu semelhante, remetendo à dialética hegeliana do senhor e do escravo, de onde Lacan extrai o aforisma “o desejo do homem é o desejo do Outro”, encontrado em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (LACAN, 1960/1998, p. 829). A ótica com a qual o autor vislumbra o desejo tem contornos diferentes da proposição hegeliana, o que não impede que Lacan mantenha a tese de que o desejo é o desejo do Outro.

No início da década de 50, em *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954/1986), Lacan considera que o desejo é situado como aquilo que deve ser reconhecido e nomeado, podendo ser dito como desejo de alguma coisa. Nesse primeiro momento que Lacan formula algo sobre o desejo, ele o faz vinculando-o à função de reconhecimento. Nesse sentido, o autor considera que

A palavra é essa dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado no plano simbólico. É somente quando ele se formula, se nomeia diante do outro, que o desejo, seja ele qual for, é reconhecido no sentido pleno do termo. Não se trata da satisfação do desejo, nem de não sei que *primary love*, mas, exatamente, do reconhecimento de desejo. (LACAN, 1954/1986, p. 12)

Nesses termos, o desejo encontra na palavra o acesso ao simbólico podendo ser por ele retratado. Nesse momento, o que Lacan parece nos dizer é que o simbólico é capaz mais que amparar o desejo, mas de explicitá-lo.

Em *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica* (1954-1955/1985), Lacan reconsidera sua hipótese e propõe que, apesar da função de reconhecimento estar ligada ao desejo, este desejo é desejo de algo que não se pode nomear. A demanda não consegue nomear o desejo. Em *O sonho da injeção de Irma (fim)* (1955/1985), neste mesmo seminário, o autor nota a presença de uma categoria de objeto que surge como uma revelação do real do objeto que não é possível designar, daquilo que ele possui de inassimilável, inominável, que não apresenta possibilidade de mediação. Lacan aponta que no sonho de Irma a imagem aterradora da cabeça de Medusa, este objeto da angústia, traz a

[...] revelação do real naquilo que ele tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro, do objeto essencial que

não é mais um objeto, porém esse algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam, o objeto de angústia por excelência” (1955/1985, p. 209).

O que Lacan nos mostra nesse momento é que o simbólico não dá conta de suportar esse objeto; a palavra é frágil para sustentar sua nomeação. Isso apresenta semelhança com a ideia da coisa freudiana, sendo que ela também apresenta caráter invariável, incompreensível e inassimilável, conforme indica Freud em *Projeto para uma psicologia científica*, em 1895.

No final da década de 50, no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998), publicado em *Escritos*, percebemos que Lacan desvincula o desejo da função de reconhecimento. O desejo não pede para ser reconhecido nem o sujeito quer reconhecer o desejo, sendo possível alguma apreensão dele apenas por meio da interpretação. Para Lacan, o desejo, apesar de sempre se deixar transparecer na demanda, está para-além dela no sentido de que a demanda por si só não revela o desejo, ao contrário, deixa-o disfarçado. Mas o desejo também se encontra para-aquém de outra demanda na qual o sujeito, repercutindo no lugar do Outro, mostra-se através da fala como um sujeito submetido ao seu desejo. “Isso quer dizer que é de uma fala que suspenda a marca que o sujeito recebe de seu dito, e apenas dela, que poderia ser recebida a absolvição que o devolveria a seu desejo” (LACAN, 1958/1998, p. 640). Paradoxalmente, o autor também diz que o desejo é a impossibilidade de que tudo possa ser dito, já que a fala só faz demarcar a fenda que, somente pelo fato de o sujeito falar, se instaura. Nesse sentido, Lacan declara que o desejo não se encontra vinculado à função de reconhecimento, mas está atrelado à demanda, ou seja, à significação da necessidade.

Em 1962-1963, Lacan, em *O Seminário, livro 10: a angústia* considera que o desejo é o desejo do Outro (grande Outro), inconsistente (já que para o neurótico ele é barrado) e inconsciente (pois o inconsciente é o discurso do Outro). É justamente por haver uma falta inscrita no Outro que o Outro remete ao desejo do sujeito, pois é ao nível do que falta ao Outro que o sujeito é levado a buscar aquilo que lhe falta – o que lhe falta como objeto do seu desejo. O Outro, para Lacan, é o lugar de significantes (A), mas é também o lugar onde se institui a falta, pois falta o significante que o definiria como uma totalidade. Desse modo, o desejo do sujeito se constitui como resposta à falta no Outro; discussão que trataremos de maneira mais ampliada no capítulo seguinte, ao nos referirmos ao objeto *a*.

Por um lado, o desejo do sujeito é resultado das operações de sua constituição ou da expansão do seu campo, conforme Lacan (1964/2008), operações que trabalharemos mais intensamente no próximo capítulo. Por outro lado, entendemos que o desejo na neurose, uma vez estabelecida a castração, também pode ser o operador de certo distanciamento entre o sujeito e o Outro nos casos em que o Outro falhar na transmissão do signo de sua falta, mantendo o sujeito numa condição de alienação em algum momento de sua vida.

O que podemos compreender até então é que diante de um Outro que não se mostra ao sujeito como barrado pela castração, um Outro que não deseja mais nada além do sujeito, este encontra duas possibilidades. Ou o sujeito se submete ao capricho desse Outro devorador, ou o sujeito utiliza-se de algum mecanismo de defesa ao seu desejo.

É preciso que o sujeito invente alguma estratégia para barrar o Outro, pois só a partir do reconhecimento do desejo do Outro, transmitido em sua demanda, que o sujeito constitui-se enquanto sujeito de desejo. Desejo que, na abordagem freudiana, se expressa como um movimento de busca, enquanto na perspectiva lacaniana formula-se como uma questão. De qualquer modo, o desejo não está atrelado à presença do objeto, mas à sua falta.

2.2.1 O sonho da Bela Açougueira

A dialética da demanda e do desejo pode ser verificada no sonho de uma paciente histérica analisada por Freud, cujo comentário encontra-se em *A distorção nos sonhos* (1900/1996). Lacan comenta este sonho, dando a ele novas interpretações no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998) e na aula *O sonho da bela açougueira* (1958/1999) onde dá à paciente de Freud o codinome de “Bela Açougueira”.

Começamos nossa discussão apontando o que Freud diz a respeito dos conteúdos do sonho desta paciente e em seguida comentaremos as considerações lacanianas, que muito tem a contribuir com nosso tema.

Os sonhos analisados por Freud levam-no a retomar a questão do desejo, já introduzida neste o *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996). A

análise dos seus próprios sonhos e dos sonhos de seus pacientes leva Freud (1900/1996) a propor que os sonhos são realizações de desejos. O autor lembra que vários de seus pacientes tentavam contradizer esta sua afirmativa, como é o caso da Bela Açougueira, que questiona Freud a respeito de um desejo não realizado em seu sonho. O sonho relatado a ele foi o seguinte:

Eu queria oferecer uma ceia, mas não tinha nada em casa além de um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive que abandonar meu desejo de oferecer uma ceia. (FREUD, 1900/1996, p. 181)

No decorrer da sessão, Freud descobre elementos fundamentais para a análise do sonho, como por exemplo, o fato de que o marido da paciente pretendia começar um regime e, em razão disso, decidiu não aceitar mais convites para jantar. A paciente ainda lembra certa vez que o marido rude disse a um pintor que lhe bajulava, que este se interessaria mais pelo traseiro de uma mulher que pelo seu rosto expressivo. Em suas associações, a mulher diz a Freud que por muito tempo desejou comer sanduíches de caviar todas as manhãs, mas pediu ao marido que não lhe desse o caviar, para poupar despesas.

Outras associações da paciente levaram Freud a compreender o sentido do sonho. Ela relatou que dias antes estivera na casa de uma amiga de quem tinha ciúmes, já que o marido sempre a elogiava apesar de seu corpo não corresponder às preferências deste, que gostava de formas mais robustas. A paciente dá a Freud o elemento necessário para ele começar a desvendar o sentido do sonho, recordando que a amiga lhe disse sobre seu desejo de engordar e lhe perguntou quando seria convidada para jantar em sua casa, já que lá se comia muito bem. A paciente acrescenta que o salmão defumado era o prato predileto de sua amiga. E, por conhecer a paciente, Freud sabia que assim como o salmão defumado era a preferência da amiga, o caviar era o prato preferido da paciente.

Segundo Freud (1900/1996) esta mulher precisou criar para si, no sonho, um desejo não realizado, o que também retornou na realidade sob o pedido feito ao seu marido de que ele não lhe desse caviar. De acordo com Freud, ocorre aí a dialética da identificação da paciente com a amiga. Pelo processo de deslocamento, a pessoa que teve o desejo insatisfeito no sonho não foi a paciente, e sim, sua amiga,

já que o desejo da sonhadora era que o desejo da amiga não fosse realizado, e, por outro lado, identificando-se a este desejo não realizado da amiga, a paciente mantinha insatisfeito seu desejo de comer caviar.

Acrescentando suas contribuições à análise de Freud, os comentários de Lacan sobre o sonho da paciente em *O sonho da bela açougueira* (1958/1999) e no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998) nos ajudam a compreender a articulação do desejo à demanda e a preservação do desejo ao preço da insatisfação. Ao ler Freud (1900), Lacan retoma considerações sobre o objeto oral, o introduzido na relação do sujeito com Outro, sendo que a oralidade se oferece como campo erótico à dialética da demanda e do desejo.

A partir da indicação de Freud de que na histeria verifica-se o desejo de um desejo insatisfeito, Lacan (1958/1998), inicialmente, se propõe a articular a forma como a insatisfação do desejo pode ser pensada em relação aos mecanismos inconscientes, como a condensação e o deslocamento, que correspondem sucessivamente à metáfora e à metonímia, especificando a relação do desejo com a estrutura de linguagem.

Lacan (1958/1998) demonstra o que é o inconsciente estruturado como linguagem, ao evidenciar que quando Freud afirma que o salmão defumado é um substituto do caviar no sonho da Bela Açougueira, está propondo que o sonho é uma metáfora do desejo. Dessa forma, se o desejo surge como insatisfeito, ele o é pelo significante “caviar”, já que este é o significante que o simboliza como inacessível, mas quando ele desliza como desejo no caviar, o desejo de caviar torna-se sua metonímia, mostrando que o desejo, conforme Lacan (1958/1998, p. 629), “é a metonímia da falta-a-ser”.

Lacan (1958/1998) indica que a evidência da metáfora é que o caviar não aparece no sonho, sendo substituído pelo salmão. Este efeito metafórico é obtido por esta substituição, em que um elemento desaparece e é representado por outro elemento, que se faz presente no salmão defumado. Este salmão, que a amiga tanto gosta e se recusa a comer está emparelhado ao comportamento da Bela Açougueira de se furtar de comer o prato que tem vontade, ou seja, caviar, o que mostra duas históricas que pretendem sustentar o desejo de ter um desejo insatisfeito.

Assim, Lacan torna claro que o desejo de caviar é o significante em que o significado é o desejo de um desejo insatisfeito. Soler (1998), em seu livro *A psicanálise na civilização*, retoma essa distinção entre a significação de desejo

insatisfeito e a significação de desejo de desejo insatisfeito Enquanto a primeira diz respeito ao caviar, a segunda se refere ao desejo de caviar. Por outro lado, o sentido desses dois desejos permanece o mesmo, já que para Lacan (1958/1998) não se verifica neles um efeito de sentido positivo, um a mais de sentido, ou seja, tanto no desejo insatisfeito quanto no desejo de desejo insatisfeito o sentido é que falta alguma coisa ao sujeito. Independente das significações, o desejo traz o sentido da falta.

Lacan (1958/1998), ao comentar o sonho da Bela Açougueira, aponta como o desejo desta mulher, enquanto falta, pode ser depurado no nível da identificação, que se dá de forma complexa e estratificada.

Em um primeiro momento, o autor aponta a identificação da paciente com a amiga, dizendo: “se nossa paciente se identifica com sua amiga, é por esta ser inimitável no desejo insatisfeito daquele salmão [...]” (LACAN 1958/1998, p. 632). Isso nos indica que a identificação da paciente à amiga é o desejo de caviar da primeira, que foi deslocada para o desejo de salmão da segunda. Desse modo, esta primeira identificação não ocorre em relação à pessoa da amiga, ou aos seus atributos, mas é uma identificação ao desejo do outro, ou ainda ao desejo de ter um desejo insatisfeito.

Lacan aponta ainda que no sonho da Bela Açougueira podemos encontrar indícios de seu desejo no fato de ela não querer ser satisfeita em suas necessidades. Conforme o autor, ela “quer outras, gratuitas, e, para ter toda a certeza de que o são, não quer satisfazê-las” (LACAN, 1958/1998, p. 631). Ao querer caviar e se recusar a recebê-lo do marido, a Bela Açougueira indica que há algo para além de sua demanda, que faz surgir o desejo de desejo insatisfeito. Podemos perceber que, nesse caso, a recusa de satisfação por meio do caviar e do salmão surge como uma estratégia de se preservar a condição de desejante do sujeito.

Em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1956-1957/1995), no tópico *A bela açougueira*, Lacan aponta a irredutibilidade do desejo ao objeto da demanda desta mulher, pois, se de um lado caviar é o que ela quer, de outro, é justamente isso que ela quer que o marido não lhe dê. Em *O sonho da bela açougueira*, Lacan afirma:

[...] para que uma histérica mantenha um relacionamento amoroso que a satisfaça, é necessário, primeiramente, que ela deseje outra coisa [...] e, em segundo lugar, que, para que essa outra coisa desempenhe bem a função que tem a missão de desempenhar, ela justamente não lhe seja dada. (LACAN, 1958/1999, p. 376).

No livro *O que quer uma mulher*, André (1998) comenta o sonho da Bela Açougueira e observa que o verdadeiro desejo desta mulher ela procura apreendê-lo e decifrá-lo na amiga magra, de modo que a identificação histérica ao desejo do outro fundamenta o que no sonho apresenta-se como a não realização de um desejo. Segundo o autor, tanto o desejo da mulher do açougueiro quanto o desejo de sua amiga querem ser reconhecidos, mas não satisfeitos, de maneira que podemos perceber duas demandas em paralelo que podem ser interpretadas como demanda de se alimentar de um desejo e não do objeto que satisfaria a demanda alimentar. Ao emparelhar-se à sua amiga, o desejo da açougueira se alinha ao desejo da amiga de ter um desejo insatisfeito, sustentando sua condição de sujeito desejante.

Soler (1998) situa esta identificação da paciente com a amiga sobre o eixo imaginário, uma identificação a um significante, ou a um indício do desejo do outro, do seu semelhante. Trata-se de uma identificação especular, em que a açougueira se identifica ao desejo não satisfeito da amiga, para continuar na condição de sujeito marcado pela falta.

Essa identificação à amiga não se dá sem se fazer referência ao marido, que está no lugar do Outro e que deve ser seduzido. A demanda explícita deste homem é sua preferência por mulheres robustas, como a sua, o que indica que entre os dois a demanda é satisfeita. Entretanto, um desejo surge atravessado nessa demanda, já que o açougueiro mostra um interesse discreto pela amiga de sua mulher, apesar de ela ter um corpo magro. Conforme a autora, “quando suas pulsões estão satisfeitas, resta ainda no marido um lugar para um pequeno interesse outro, para alguma coisa da qual não poderia se satisfazer” (SOLER, 1998, p. 234).

Nesta via de articulação, Lacan (1958/1998) destaca um outro tipo de identificação presente no caso da Bela Açougueira, que, diferente da identificação imaginária com a amiga, aparece quando a paciente se identifica ao marido para questionar sobre a feminilidade da outra mulher, identificação que se dá num nível simbólico. A açougueira apreende que algo do lado da amiga desperta o interesse do seu marido e que, de certo, não está ligado à sua forma física, já que ela não

possui um corpo que pudesse atraí-lo. Sendo assim, também no marido podemos perceber uma dissociação entre a demanda e o desejo, já que o sutil interesse deste homem pela amiga de sua mulher indica que para além de sua demanda por uma mulher de formas mais cheias, há um desejo que surge enigmático.

Desse modo, conforme Soler (1998), a identificação imaginária à amiga se sustenta sobre o eixo simbólico da relação do sujeito com o Outro. Ao se questionar sobre o desejo do marido, a açougueira faz uma questão sobre o desejo do Outro. A paciente de Freud se identifica ao homem na medida em que olha para a amiga do ponto de vista do marido para se perguntar sobre a feminilidade, tentando balizar esse ponto da amiga capaz de causar desejo no açougueiro.

Em seus comentários a respeito deste sonho, Soler (1998) observa que a identificação histórica ao homem não quer dizer que ela se apresente masculinizada, mas que banca o homem no nível inconsciente do desejo. Trata-se de uma identificação do seu desejo ao do marido, para tentar captar no Outro a causa de seu desejo, para que a relação do sujeito com o Outro não se dê apenas no nível da satisfação, mas na dimensão do desejo.

A autora observa que isso é necessário para que o sujeito constitua um Outro que não seja somente um Outro da reciprocidade da demanda, que não seja um Outro que capture desastrosamente o desejo do sujeito a partir de sua fala, mas que seja um Outro castrado. O sonho da Bela Açougueira revela o desejo do marido como desejo do Outro, que precisa ser mantido insatisfeito. Só a partir da insatisfação do desejo do Outro é que o sujeito pode desejar, já que, segundo Lacan “o sujeito histórico se constitui quase que integralmente a partir do desejo do Outro” (LACAN, 1958/1999, p. 377).

Lacan (1958/1998) observa que o desejo dessa histórica analisada por Freud é desejo de mulher que está satisfeita, já que seu marido está sempre pronto a lhe atender em suas demandas, mas, na realidade, é justamente a insatisfação que ela busca como forma de desejar. Recusa-se a receber do marido, não alguma coisa que não esteja ao seu alcance, mas recusa justamente aquilo que ele tem condições de lhe dar a qualquer momento e que o faria ficar tranquilo. O caviar que a Bela Açougueira recusa de seu marido é o objeto de seu desejo, e, nesse sentido, ao impor sua recusa a algo que ele oferece, esta mulher deixa entre eles um espaço para que ele continue a desejá-la e para que ela também continue sendo despertada em seu desejo.

Nessa linha de leitura, no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan (1958/1998) identifica a irredutibilidade entre o objeto do desejo e o objeto da demanda, apontando que o desejo não se encontra declarado na demanda, mas pode ser decifrado a partir dela.

O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. (LACAN, 1958/1998, p. 633)

Ainda neste texto, Lacan suspeita uma terceira forma de identificação da Bela Açougueira: “Ser o falo, nem que seja um falo meio magrelo.” Não está aí a identificação última com o significante do desejo? O falo, nesse momento definido pelo autor como o significante da falta, do desejo, leva Soler (1998) a pensar o “ser o falo” como uma fórmula do desejo. De acordo com esta autora, o que interessa à Bela Açougueira e à sua amiga não é saber qual é o objeto que faz gozar, mas qual é o objeto que faz desejar. É na dimensão do “ser o falo” que a paciente de Freud quer se colocar no desejo do Outro. O falo, que tem a função de marcar o que o Outro deseja, surge, portanto, como o significante do Outro barrado.

A recusa da Bela Açougueira pode ser pensada como uma estratégia para defender a condição de desejo do sujeito. Ao desejar ter um desejo insatisfeito a paciente de Freud revela que mais além de sua demanda de satisfação há a dimensão do desejo, que é preservado na medida em que o objeto de satisfação é recusado.

Essa dialética da demanda e do desejo nos leva a pensar na anorexia, em que também se verifica uma recusa em defesa do desejo. Isso é apontado por Lacan (1958/1998), no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, logo depois dos comentários que o autor faz a respeito do sonho da Bela Açougueira. Neste momento, Lacan se refere à anorexia para esclarecer que a irredutibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade e ao objeto da demanda pode ser levada às últimas consequências.

[...] a criança nem sempre adormece assim no seio do ser, sobretudo quando o Outro, que também tem suas ideias sobre as necessidades dela, se intromete nisso e, no lugar daquilo que ele não tem, empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados com o dom do seu amor. É a criança alimentada com mais amor que recusa

o alimento e usa sua recusa como um desejo (anorexia mental). (LACAN, 1958/1998, p. 634)

Ao fazer referência à anorexia como forma de preservar o desejo, o autor torna explícito que o que está em questão neste sintoma não é o alimento, mas a falta, o desejo. Nesse sentido, o sonho da Bela Açougueira torna-se importante em nossa pesquisa, na medida em que se torna evidente a irredutibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade, mostrando também que a demanda está aquém da dimensão do desejo.

Portanto, esta citação de Lacan enuncia para nós um primeiro estatuto do objeto na anorexia, o qual não se reduz ao objeto da necessidade ou da demanda, mas, sobretudo, indica que no plano de desejo não é necessário que exista um objeto real. Num primeiro tempo em que Lacan fala sobre o nada na anorexia, ele o faz dizendo que neste sintoma o nada surge como uma estratégia para defender o desejo do sujeito, o que explicitaremos no capítulo seguinte.

3 O OBJETO NADA E O ESTATUTO DO DESEJO NA ANOREXIA

No decorrer deste capítulo trabalharemos as articulações que Lacan aponta entre a noção de objeto e a anorexia, considerando a estrutura da neurose, a fim de introduzirmos a problemática do estatuto do desejo na anorexia e suas relações com o comer nada e com o objeto nada, conforme as indicações do postulado lacaniano, que situa o nada em uma certa centralidade na clínica da anorexia.

Inicialmente, apontaremos as primeiras considerações lacanianas sobre o objeto nada, que demonstram a irreducibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade e a forma como o sujeito articula para fazer existir seu desejo. Nesse sentido, nossas principais referências teóricas são as contribuições do autor em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957/1998) e no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998).

Em seguida, discutiremos sobre o conceito lacaniano de objeto *a*, a partir das considerações do autor em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963) e em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), com o intuito de compreender a revisão que Lacan faz no estatuto do objeto, passando a abordá-lo como causa de desejo, o que repercute na concepção do objeto nada. Tendo em vista que o objeto causa de desejo está intimamente relacionado à constituição do sujeito, trabalharemos as operações de alienação e separação identificadas na obra lacaniana, em que o objeto *a* assume o estatuto de resto dessas operações de constituição do sujeito. Abordaremos ainda como Lacan e outros autores contemporâneos abordam o objeto *nada* em suas articulações à anorexia.

A organização deste capítulo segue as orientações de Cosenza (2008) no texto *Os dois circuitos de Lacan sobre a anorexia em sua relação com o objeto*, e de Recalcati (2001 e 2007, respectivamente), em *Os dois “nada” da anorexia* e em *A última ceia: anorexia e bulimia*. Os autores localizam dois momentos diferentes na obra lacaniana, em que a anorexia é convocada para trabalhar a questão do objeto nada. Cosenza (2008) define esses dois tempos como “dois nós cruciais”, já que a partir deles, Lacan não só desenvolve uma teoria da anorexia, mas recorre a este sintoma para esclarecer, de maneira pragmática, as escansões de sua pesquisa a respeito do objeto, baseado nos fundamentos de sua prática analítica.

O primeiro tempo se refere às primeiras articulações que Lacan faz entre a anorexia e o desejo de nada, e são encontradas especialmente no seminário 4 e no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998). O objeto nada, nesse momento da obra lacaniana, está situado como o objeto do qual o sujeito se vale para defender o desejo, vinculado ao registro simbólico, como observa o autor quando diz que “nada, isso é justamente o que existe no plano simbólico” (LACAN, 1957/1995, p. 188). O objeto nada, nesse sentido, vem como um limite colocado pelo sujeito a um Outro que dá tudo o que tem por ignorar que o amor implica em dar o que não se tem, conforme Lacan (1958/1998). Por isso, o objeto nada nesse momento, refere-se ao objeto do desejo do sujeito, ou seja, o objeto que tem a função de permitir uma distância entre o sujeito e o Outro e que vem sob a forma de desejo de nada. Nessa linha de leitura, Recalcati entende que nesse primeiro momento o nada surge como um objeto separador entre o sujeito e o Outro.

Quanto à segunda versão do objeto nada em Lacan, Cosenza (2008) a localiza especialmente em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), em que o autor, ao fazer uma revisão do estatuto do objeto, concebe o nada como um objeto real, que pode ser introduzido pelo sujeito em sua substancialidade.

Para Recalcati (2001) e Cosenza (2008) a primeira noção lacaniana do objeto nada estaria mais ligada à histeria; enquanto a segunda, seria verificada sua maior incidência nos casos de psicoses. Ao que nos parece, os dois autores também tendem a caracterizar os casos de anorexia como brandos ou graves, sem desconsiderar o diagnóstico diferencial, visto que em alguns sujeitos este sintoma se apresenta de maneira tão complexa que torna árdua a definição da estrutura clínica, já que é possível encontrarmos casos graves de anorexia num sujeito neurótico, ainda que seus sintomas não possam ser comparados, por exemplo, a um sintoma histérico clássico.

Estes dois autores sugerem que a definição dos casos leves ou graves estão relacionados ao modo como os sujeitos se apropriam do objeto nada, de forma que o primeiro objeto nada está vinculado à uma forma de apresentação de anorexia mais branda, em que há um vínculo notório com o Outro capaz de dar suporte à construção de um sintoma que é metáfora. Em contrapartida, o segundo nada caracteriza uma forma extrema do sujeito lidar com esse objeto, que é investido no

corpo e não no Outro, de maneira que é o corpo do sujeito que se anula. O que está em questão nestes casos de maior complexidade é uma fragilidade significativa de recursos simbólicos e a forma brutal com que o objeto nada se realiza no corpo do sujeito.

Como dissemos anteriormente, para fazer uma abordagem da anorexia é preciso partir da noção de sua pluralidade, ou seja, a identificação deste sintoma não especifica o diagnóstico diferencial, como indica Lima (2009). Nesse sentido, a anorexia tem como característica a pluralidade de suas manifestações, o que por um lado isso pode ser verificado no fato de que podemos encontrar sintomas anoréxicos nas várias estruturas clínicas da psicanálise – neurose, psicose e perversão – e, por outro lado, a pluralidade dos sintomas anoréxicos também pode ser percebida pelas diversas formas que eles têm de se apresentar nos sujeitos, de modo mais brando ou mais severo. Tendo em vista esse aspecto de diversidade, é importante ressaltar que em nossa pesquisa optamos por trabalhar na perspectiva do sintoma na neurose, considerando que também nesta estrutura clínica encontramos casos graves de anorexia que, inclusive, podem trazer alguma dúvida diagnóstica pelas semelhanças que porventura tenham com a clínica da psicose.

Nesse sentido, Lima (2010), em *Anorexia: Um para além da anorexia*, propõe que quando dizemos anorexia na histeria, podemos considerar que se trata, na realidade, de um mais além da histeria, pois como dissemos anteriormente, a anorexia não se configura como um sintoma clássico, em que um conteúdo recalcado é recolocado para o sujeito sob a forma de uma metáfora, como ocorre num sintoma tradicional ou num sonho. A anorexia encontra respaldo não no simbólico, mas no real do corpo, que se torna o aparato para algo que o sujeito tem dificuldades de fazer passar pela via do significante. Contudo, dizemos sintoma anoréxico, mas não por se tratar estritamente de um sintoma no sentido freudiano, mas por ser aquilo que surge como um arranjo particular do sujeito para lidar com os conteúdos inconscientes; uma solução precária, que se utiliza mais do ato que da palavra, mas ainda assim, uma solução.

No decorrer deste capítulo abordaremos dois modos de manifestação do objeto nada na anorexia e a forma como o desejo pode ser compreendido nesse sintoma.

3.1 O comer nada como defesa do desejo na anorexia

“A questão do objeto está no coração do ensino de Lacan sobre a anorexia”, afirma Cosenza (2008, p. 35). Os ensinamentos lacanianos sobre a anorexia situam-na como a encarnação da descontinuidade e da obscuridade que há no objeto da causalidade psíquica.

Ao mencionar a anorexia na segunda metade da década de 50, Lacan entende que a formação deste sintoma está relacionada a uma estratégia para defender o desejo. Nessa chave de leitura, o autor (1956/1957) indica que o mecanismo que o sujeito anoréxico utiliza para efetuar essa defesa se dá por meio do ‘comer nada’. Lacan explica que não se trata de um não comer, já que isso significaria uma negação da atividade. Ao contrário, na anorexia, observa-se uma condição ativa do sujeito.

[...] a anorexia mental não é um *não comer*, mas um *comer nada*. Insisto: isso quer dizer comer nada. Nada, isso é justamente o que existe no plano simbólico. [...] Esta ausência saboreada como tal, ela a emprega diante daquilo que tem à sua frente, a saber, a mãe de quem depende. (LACAN, 1957/1995, p. 188)

Nesse primeiro momento em que Lacan se refere ao nada, enquanto significante do desejo, o que está em questão é a irreducibilidade do objeto do desejo ao objeto da necessidade, já que o objeto do desejo é simbólico e não se inscreve no nível da satisfação das necessidades. A anorexia histérica demonstra como esse paradigma pode ser levado a ponto de colocar em risco a sobrevivência do corpo. O sujeito recusa o objeto da necessidade ao mesmo tempo em que se ocupa de um objeto que cumpre a função de objeto do desejo, já que o que o sujeito deseja é nada, um objeto que, para Lacan (1957/1995), cria um intervalo entre o sujeito e os cuidados excessivos do Outro.

Essa primeira referência que Lacan faz à anorexia, sob a forma do desejo de nada, é de grande relevância, pois além de mostrar a atividade do comer anoréxico, ainda retrata que é a ausência simbólica que é saboreada pelo sujeito, como forma de criar um intervalo entre ele e o Outro, que ignora que o desejo encontra-se muito além da necessidade.

Para Lacan (1958/1998), essa ignorância do Outro faz com que ele, tendo suas idéias sobre as necessidades da criança, se intrometa a satisfazê-las, o que muitas vezes o leva a confundir cuidado e amor, transmitindo, no lugar da falta, o excesso. Nesse momento, Lacan se refere à criança para nos mostrar que a recusa em se alimentar pode ser entendida como uma forma dela se colocar a uma distância da intromissão materna, utilizando sua recusa como um desejo. Entretanto, o autor não reduz estas manifestações à infância, fazendo referência à anorexia como um sintoma que demonstra o quanto a recusa em satisfazer a demanda da mãe, de ser alimentado, é uma forma de fazer com que o Outro tenha um desejo fora do sujeito, e o objeto nada surge como uma salvaguarda do desejo, como lembra Recalcati (2001).

Para que isso ocorra é necessário que o sujeito esteja inserido na lógica fálica, ou seja, que tenha sido submetido à castração, ainda que seus efeitos sobre o sujeito tenham sido frágeis. Nos casos de neurose, em que algum vestígio de desejo foi suscitado, pode ser que o sujeito se utilize dele como um mecanismo de se distanciar do Outro que não é capaz de lhe transmitir a falta. Isso nos remete à anorexia, uma vez que, conforme Lacan (1958/1998), o sujeito anoréxico faz da recusa uma forma de preservar seu desejo de um Outro que confunde seus cuidados com o dom do amor.

A anorexia pode ser entendida como uma resposta do sujeito para mostrar que o que está sendo ofertado a ele é muito mais o que ele precisa do que o que ele deseja. Na tentativa de se fazer entender pelo Outro, o sujeito anoréxico recusa o que precisa para não recuar em seu desejo. É importante ressaltar que não é do objeto comida que se trata na anorexia, não é aí que se verifica a verdadeira recusa anoréxica, mas o que está em questão neste sintoma é que o sujeito recusa a oferta do Outro como metáfora da recusa dialética do próprio Outro, no que este apresenta de ameaça ao desejo do sujeito.

Silva e Bastos (2006) entendem que na anorexia

[...] a recusa aparece associada a um *nada*, ou melhor, através a recusa o sujeito coloca em ato a presença do nada. É importante ressaltar que a recusa da anorexia não se confunde com a recusa da castração,; pelo contrário, recusa-se que um objeto possa saturar o que é da ordem do desejo, ou seja, trata-se da recusa de um objeto. Vista por esse prisma, a anorexia seria, então, uma manobra de separação do sujeito em relação ao Outro. Aí onde o Outro parece sufocar toda falta, a recusa surge como um desejo [...]. (SILVA E BASTOS, 2006, p. 4)

Ao não atender à demanda de ser alimentado pelo Outro, o sujeito parece sugerir a funcionalidade da seguinte lógica: recusar = desejar, operação que parece surgir na anorexia histérica à maneira do sonho da Bela Açougueira, apontando um desejo de desejo. Dessa forma, poderíamos associar a recusa do caviar ao comer nada na anorexia, já que eles se fundamentam na mesma lógica de proteção do desejo.

Nesta direção, Hekier e Miller (2005), em *Anorexia-Bulimia: desejo de nada*, consideram o sintoma anoréxico como um sintoma de desejo, de um particular desejo de nada, em que as relações entre o cheio e o vazio, do incorporar para expulsar e o comer para vomitar assinalam o vaivém dos desencontros com o objeto perdido. Trata-se, portanto, da anorexia como uma regulação do desejo.

Nessa perspectiva, a anorexia torna-se uma solução encontrada pelo sujeito de não se manter totalmente alienado no campo do Outro. Como disse Lacan em seu texto *Juventude de Gide ou a letra e o desejo* (1958/1998, p. 766), “[...] amar é dar aquilo que não se tem [...]”, e isso implica que, para demonstrar seu amor, seria preciso que o Outro consentisse com sua castração e oferecesse ao sujeito o significante da falta, para que algo falte ao sujeito, algo para desejar. O objeto nada surge como uma possibilidade do sujeito barrar o Outro de tomá-lo completamente em sua demanda devoradora.

O Outro que convoca o sujeito o tempo todo a responder sua demanda acaba por fazer com que o sujeito não a responda, sob pena de o desejo sucumbir à voracidade do Outro. Ora, ao sujeito é preciso que ele não atenda à demanda do Outro como artifício ou exigência para que este Outro deseje outra coisa para além do próprio sujeito. Já que o desejo só pode se produzir no para-além da demanda, como vimos anteriormente, é preciso que o sujeito reconheça que para-além da sua demanda e para além da demanda do Outro existe o desejo do Outro, que constitui o sujeito como ser de desejo.

Para Cosenza (2008) o nada surge, nesse momento da obra lacaniana, como forma do sujeito demandar o desejo do Outro, mostrando que a recusa está orientada na direção do Outro, escrevendo no corpo do sujeito uma mensagem inconsciente.

Recalcati (2001) também concebe o nada nesta perspectiva. Comer nada é uma maneira de barrar o Outro, a fim de reduzir sua onipotência, de fazer uma virada nas condições do sujeito, emancipando-o de sua impotência e tirando-o das

garras alienantes do Outro. Para o autor, a tentativa do sujeito de separar-se do Outro se trata, na realidade, de uma pseudo-separação, já que esse objeto nada possui um valor dialético, em que o Outro está em questão. O esforço da anoréxica em se distanciar do Outro só se consoma como negação, como oposição. Assim, temos neste campo uma recusa também dialética, em que o “não” é endereçado, se formulando como um pedido ao Outro, o pedido de que este lhe transmita a falta.

Nessa reflexão, para Recalcati (2001) o drama na anorexia é que o Outro do sujeito anoréxico não soube conciliar a posse do objeto da satisfação com o signo do seu amor, mas ao contrário utilizou-se do objeto para matar o signo. Desse modo, observa-se que na anorexia as noções de signo e de objeto não se convergem no Outro, mas encontram-se separadas.

O sujeito solicita do Outro não o pão de cada dia; mas algo que o inclua no campo do desejo e não da posse do Outro, ou seja, o que o sujeito faz é uma demanda de amor. Entretanto, como Lacan (1961/1992) afirma, há uma distância entre o que é pedido e as respostas que são dadas pelo Outro ao sujeito. Na anorexia podemos verificar essa verdadeira dissonância.

Nessa desarmonia, instala-se um conflito causado por um mal entendido radical com o Outro. Para o autor, a recusa e o emagrecimento estão ligados a uma forma de apresentar a demanda ao Outro: “Nada falta se o outro se apresenta como base. (...) Se existe consumo, a referência é o Outro... um consumir-se pelo outro, um consumir-se para o Outro²” (HEKIER, 2005, p. 68, tradução nossa).

Como observa Hekier (2005), na anorexia o sujeito pede um menos do Outro, mas isso não corresponde ao que lhe é oferecido, o que aponta um descompasso entre o sujeito e o Outro. Para o autor, o clamor do sujeito anoréxico por um menos do Outro implica que:

- seu ato de restringir a alimentação seja uma manobra de excluir o Outro e defender seu desejo;
- este mesmo ato crie uma angústia no Outro, e com isso, se instaure um menos no Outro;
- o Outro é excluído, pois o sujeito está cheio dele.

² “Nada falta si o Otro se presenta como aporte. [...] Sy hay gasto, la referencia es el Otro... um gastarse por el Otro, um gastarse para el Otro.”

Com relação à exclusão do Outro, é preciso considerar que se trata mais do que Recalcati (2007) chama de pseudo-separação, já que o afastamento do sujeito neurótico do Outro se dá de forma parcial, sendo possível se perceber um endereçamento e um posicionamento em relação ao Outro. Para o autor, isso se dá de forma diferente nos casos de psicose, em que o sujeito anoréxico exclui o Outro radicalmente, apresentando um desejo não dialético, nem centrado na demanda de amor.

Na neurose, o que o sujeito anoréxico mostra no real do corpo é o quanto o objeto do desejo não se reduz a nenhum objeto ofertado. Há aí uma dissociação entre o objeto da necessidade e o objeto do desejo, o qual se encontra camuflado pelos objetos da demanda, mas cuja dimensão diverge da dimensão da demanda.

Como observa Hekier (2005), o desejo é delimitado como o resultado da demanda sobre a necessidade, ou ainda, o desejo é a metonímia da metáfora, o que pode ser representado pelo seguinte esquema, sugerido pelo autor:

$$\begin{array}{c} \text{Demanda} \rightarrow \text{Desejo} \\ \text{Necessidade} \end{array}$$

Para Hekier (2005), na anorexia há a presença de uma falha no processo de metáfora, já que a demanda do sujeito é respondida pelo Outro no nível da necessidade, o que fecha os caminhos para o desejo. O Outro responde com aquilo que tem, com os objetos que calam o desejo do sujeito.

Em nome do desejo o sujeito anoréxico faz do seu corpo um objeto de ameaça ao Outro. O corpo falido, delgado, torna-se o instrumento da ameaça de desaparecimento do sujeito, caso o Outro não ofereça ao sujeito o significante de seu desejo, um sinal de seu amor. Nesse sentido, o corpo do sujeito anoréxico entra na troca simbólica como uma forma de atestar que o Outro não lhe ama, não lhe oferece o signo de sua falta. A anorexia torna-se também uma forma de troca que o sujeito faz com seu próprio ser, ao oferecer a degradação do seu corpo em troca da sobrevivência do desejo.

Por isso, Ferrero (2009) declara que o desejo diz respeito a uma posição particular e humana do sujeito e é através dela que o indivíduo tem a possibilidade de se constituir como sujeito do inconsciente, enunciando um discurso particular. Através de suas demandas o sujeito anoréxico transmite um anseio de singularidade

que chega ao Outro apenas como demanda de satisfação, ao que o Outro responde com a “papinha sufocante”, deixando o sujeito sem retorno sobre o seu desejo, que só poderia se constituir de forma sólida a partir da consistência do desejo do Outro.

Portanto, o que percebemos nas orientações de Lacan a respeito da anorexia tanto no seminário 4, quanto no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, articuladas às contribuições dos autores contemporâneos que discutem o assunto, é que o sujeito anoréxico pode fazer uso do nada como um objeto situado na dimensão simbólica, e se o faz é em função de uma causa, que é o próprio desejo enquanto alvo, irreduzível à satisfação. É por essa causa que o sujeito entrega seu corpo à degradação em troca da sobrevivência do desejo. Esse corpo falido, delgado, torna-se um instrumento de ameaça ao Outro, ameaça de desaparecimento caso o Outro não ofereça ao sujeito o significante de seu desejo, um sinal de seu amor.

3.2 O objeto causa de desejo, o pequeno a

A escrita algébrica do *a* é encontrada desde os primeiros seminários de Lacan (1956-1957), adquirindo sentidos diferentes no decorrer de sua obra. No esquema L, o autor demonstra as coordenadas da relação imaginária, em que situa o *a* como o pequeno outro, nosso semelhante, cuja imagem sustenta o sujeito, já que é em torno dela que ele constitui suas primeiras identificações. Nesse momento, é no campo da imagem especular que se situa o *a*, no campo da alienação do sujeito, pois, conforme Lacan (1956-1957/1995, p. 10), a relação imaginária é “[...] essencialmente alienada”. Ao criar a fórmula da fantasia, Lacan (1957/1995) situa o objeto como suporte do desejo do sujeito, sujeito que, marcado pela falta, pede um objeto que o complemente e o defina.

Em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1960/1998), Lacan situa o objeto *a* como objeto do desejo, visado pelo sujeito, parcial e metonímico que, considerado em relação ao campo do Outro, tem a função de expor o desejo do Outro. É no campo do Outro que se situa o germe do desejo do sujeito, já que para Lacan (1960/1998) o desejo é desejo do Outro; e o objeto *a* encarna o objeto desse desejo.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960/1978) Lacan começa a formular uma nova concepção do objeto que é então abordado como não especular, ou seja, que não tem alteridade e que funciona como estofo do sujeito. Essa nova forma do objeto ganha consistência em *O Seminário: livro 10: a angústia* (1962-1963/2005) onde Lacan faz uma revisão do estatuto do objeto, passando a caracterizá-lo como *a*, causa de desejo, objeto em seu estatuto real, irreduzível, incomunicável, que não é cotável e nem pode ser partilhado. Esse objeto não se inclui entre os objetos comuns, ou seja, os objetos de troca, especulares e que podem ser reconhecidos, pois, como afirma o autor, o que o objeto *a* traz de fundamental é o próprio vazio que ele representa.

Neste seminário, a noção de objeto adquire novos contornos e uma definição que amplia o entendimento do campo do sujeito em sua relação com o Outro e com o desejo. Se nos seminários anteriores a questão sobre o desejo tinha a ver com os objetos que, em seus deslocamentos metonímicos vinham fracassando em substituição ao objeto perdido do desejo, no seminário 10 essa questão permite outro ponto de investigação, que está diretamente relacionado à dimensão do real e com a causa do desejo, o objeto *a*.

Lacan questiona “será que o objeto do desejo está à frente?” (LACAN, 1963/2005, p. 114). Aqui, o que Lacan se pergunta é se o objeto do desejo pode ser considerado como aquele que é visado pelo sujeito, algo que o sujeito tenta capturar. Lacan (1963/2005) responde a isso ao afirmar que o objeto *a* está vinculado à idéia de causalidade do desejo, ou seja, de acordo com a metáfora do autor, este objeto está “atrás do desejo” (LACAN, 1963/2005, p. 115). A expressão “atrás” utilizada por Lacan dá a esse termo o sentido de anterioridade ao desejo, de algo que *a* ele se antecipa, sendo sua causa. Segundo Lacan (1963/2005) o exterior é o lugar do objeto precedendo qualquer interiorização.

O objeto *a* também se constitui como falta. Lacan afirma que quando o sujeito formula uma questão sobre o Outro e tenta desvendá-la, o que ele encontra aí é a falta. Para o autor, “o objeto liga-se à sua falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro. [...] no irreduzível do incógnito [...]” (LACAN, 1963/2005, p. 121).

Essa relação entre o sujeito e o Outro se configura na constituição do sujeito no campo do Outro. O sujeito é barrado na medida em que perde seu ser e quando é marcado pelo significante. O Outro, por sua vez, também é barrado de sua suposta

condição de completude, o que faz surgir nele a dimensão de sua falta. É isso que Lacan (1963/2005) procura explicar em seu segundo esquema da divisão, representado abaixo:

A		S
\$		A
a		0

Figura 1: Segundo esquema da divisão

Fonte: Lacan, 2005

Essa operação, como se pode verificar, não tem solução exata, ou seja, não tem resto igual à zero. No lugar do resto tem-se um objeto não assimilável, que sobra, inapreensível na operação, e que não pertence nem ao sujeito nem ao Outro.

De acordo com Lacan (1962-1963) este objeto representado pelo *a*, destacado do campo do sujeito e do campo do Outro, não pode ser incluído entre os objetos partilháveis. Estes últimos são nomeados por Lacan como objetos comuns, comunicados e socializados, ou seja, construídos a partir da relação especular, de forma que o sujeito vai tomando posse deles ao longo de sua vida. Eis do que não se trata no *a*.

No seminário 10, em *A angústia entre o gozo e o desejo*, Lacan diz que é somente a idéia de real que nos orienta na abordagem do objeto *a*. O real, lugar oposto ao do significante, pode se inscrever na operação *a* que se dá o nome de divisão, em que o *a*, como resto na operação do advento do sujeito, mostra o caráter irredutível do real. Um pouco depois, no seminário 11, o autor ressalta que é o real que comanda as nossas atividades, de modo que o objeto *a* é particularmente um ponto nodal na apresentação deste real para o sujeito.

Para tentar representar o que consiste a lógica do objeto *a*, Lacan (1963/2005) faz referência à banda de Moebius para demonstrar que o *a* não tem imagem especular. A banda de Moebius, ou seja, a parte residual do corte do *cross-cap*, representa o *a*, a parte cortada do sujeito em forma de corpo. O *cross-cap*, tendo em si um vazio estrutural, permite, segundo Lacan, uma forma de abordar um tipo de falta irredutível, ou seja,

A falta é radical, radical na própria constituição da subjetividade [...]: a partir do momento em que isso é sabido, em que algo chega ao saber, há alguma coisa perdida, e a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço do corpo (LACAN, 1963/2005, p. 149)

Nessa citação, podemos notar o quanto as palavras do autor são sensíveis à dimensão real do objeto, materializada numa parte de corpo e apresentada na banda de Moebius. Sendo uma superfície de uma só face, esta última não pode ser virada ao avesso, pois dará uma volta sobre si mesma, revelando a mesma face; e isso é não ter imagem especular para Lacan (1963/2005). Nela é possível que uma formiga, por exemplo, caminhe por toda sua superfície sem passar pela borda, pois o que seria o lado depois da borda, na banda de Moebius é uma continuidade, como ilustra a figura abaixo.

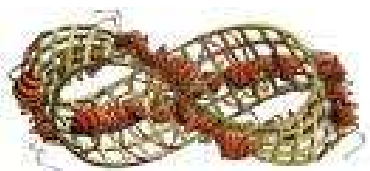


Figura 2: Banda de Moebius

Fonte: Acertijos, enigmas, adivinanzas, 2010

No seminário 10, Lacan nomeia cinco formas do objeto *a*, sendo elas, o seio, as fezes, o falo, o olhar e a voz, acrescentando a elas o objeto nada, em seu seminário seguinte³. Apesar de Lacan identificar e nomear alguns objetos em especial, seu ensinamento nos faz crer que o *a* não pode se restringir a uma quantidade pré-determinada de objetos que devem ser considerados em cada sujeito em particular.

Como sugere Lacan (1963/2005) em *Ele não é sem tê-lo*, este objeto encontra-se atarraxado ao sujeito, como um objeto removível, podendo ser destacado do campo do sujeito e do campo do Outro, já que não é fundamentalmente do Outro nem do sujeito, mas ao mesmo tempo é parte dos dois. Por isso, o objeto *a* traz em si a idéia de um corte que, incidindo na relação do sujeito com o Outro faz, deste *a*, uma sobra.

³ Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960) Lacan inclui na lista dos objetos separados do sujeito, o mamilo, o fonema, o cíbalo e o fluxo urinário.

Chatelard, no livro *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita* (2005), faz um percurso sobre a noção do objeto em Lacan partindo dos três registros borromeanos: imaginário, simbólico e real. A autora observa que esse objeto real, sem idéia, que Lacan formaliza no seminário 10, está na vacuidade, ou seja, no espaço vazio e oco, que na topologia lacaniana encontra-se no centro do *cross-cap*. Esse objeto, que só pode ser apreendido nas modalidades de sua falta, se inscreve fundamentalmente como objeto perdido e é justamente por sua perda que se pode falar de objeto, que tem seu estatuto fundado no conceito de objeto *a*, causa de desejo.

O *a*, em Lacan (1962-1963), sendo um objeto que não é articulável ao campo do significante, está, como observa Chatelard (2005) numa espécie de vácuo. Desarticulável ao significante, Lacan o articula ao desejo, na medida em que esse desejo só se institui a partir de um vazio fundamental. O objeto *a* revela o real irreduzível, e Lacan o identifica na operação *a/S*, cujo resultado consiste no sujeito *desejante* (\$).

Assim, Lacan (1962-1963) prevê três tempos de divisão para o surgimento do sujeito de desejo. É preciso que inicialmente haja o Outro, ou o que Lacan chama de abordagem do Outro, campo no qual o sujeito se constitui. Em seguida surge o objeto *a* como resultado da operação do sujeito no campo do Outro, o que num terceiro momento faz surgir o sujeito de desejo.

Partindo da concepção de que o sujeito só se constitui enquanto tal a partir do significante do Outro, compreendemos que esse Outro, tesouro dos significantes, preexistia ao sujeito, sendo anterior à sua constituição. Na medida em que esse sujeito interroga o Outro, da resposta que lhe é dada surge um objeto que é impossível de ser apreendido. “O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele exerce sua função” (LACAN, 1963/2005, p. 179), função que está ligada ao objeto real enquanto causa de desejo, objeto não aprisionado ao significante e, portanto, não redutível ao campo do Outro. O esforço do simbólico é justamente contornar esse real, que à linguagem é inapreensível.

Lacan (1963/2005) define o objeto *a* como irrefutável e irreduzível, e se revela assim porque é, paradoxalmente, parte de nós, de nosso corpo, de nossa carne, e ao mesmo tempo, arrancado de nós mesmos. O autor assim declara:

É essa parte de nós que é aprisionada na máquina e fica irrecuperável para sempre. Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função da causa (LACAN, 1963/2005, p. 237).

Essa parte, encaixada e arrancada do sujeito não poderia deixar de ser parcial. Isso implica que o que está em questão não é o corpo em sua totalidade, não o corpo capturado no estádio do espelho, que dá ao sujeito a imagem de um corpo unificado. Trata-se de partes do corpo que se dirigem para fora dele, que escapam ao sujeito. Entretanto, é importante ressaltar que Lacan, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), não reduz o caráter parcial do objeto ao fato de ser parte do corpo, mas por indicar apenas parcialmente a função que o produz, já que não há uma pulsão totalizadora.

O objeto a, que “[...] move o desejo, como aprendemos a identificar na função analítica do objeto parcial” (LACAN, 1963/2005, p. 253), não é, portanto, suporte do desejo – como ocorre na fantasia, em que o objeto ampara o desejo do sujeito – mas é o próprio desaparecimento deste objeto que tem como reflexo a função de causa, que é o próprio motor do desejo.

Assim, para Lacan (1962-1963) o objeto está originalmente na constituição do desejo, objeto que desde o início se configura como um objeto cedível, solto, e o sujeito que cede a esse objeto é um sujeito cuja função é ser apresentado por esse a, e essa função, segundo Lacan, é sempre essencial. Esse objeto encontra-se entre o sujeito e o Outro, como a mama entre a criança e a mãe, como a voz entre quem fala e quem se faz ouvir. Nesse sentido, Lacan explica que quando se considera a fisiologia, ela mostra que:

[...] o a é um objeto separado, não do organismo da mãe, mas do organismo da criança. A relação com a mãe é distinta da totalidade orgânica da qual o a, desconhecido como tal, se separa e se isola. A relação com a mãe, a relação de falta com a mãe, situa-se além do lugar onde intervém a distinção do objeto parcial como algo que funciona na relação do desejo. (LACAN, 1963/2005, p. 258)

Para Lacan (1963/2005) a formulação freudiana de entender a anatomia como destino tem sua verdade ao pensarmos que ela se refere ao corte, ana/tomia, de forma que só é possível compreendermos aspectos anatômicos pela separação das partes do corpo. Desse modo, a anatomia tem mesmo a ver com o destino, que é a relação do homem com o desejo, e que só é possível se for levado em conta o

despedaçamento do próprio corpo. Esses pedaços que em sua relação com a falta causam o desejo.

É nesse sentido que o corte, ou o que Lacan (1963/2005) chama de separação, que é a divisão dentro do próprio sujeito, tem a ver com a estruturação do desejo. Há uma parte do próprio sujeito que é dele dividido, cortado, e que na medida em que falta, delimita um vazio que é representado pelo objeto *a*.

Assim, conforme as indicações do autor, para que a causa exista em sua função é necessário que entre ela e seu efeito exista uma hiância que não seja preenchida, para fazer existir um véu sobre o determinismo da causa-efeito, já que a causa de que se trata é causa de desejo, ou seja, de algo não efetuado.

3.2.1 O objeto *a* como resto da operação de separação

O conceito do objeto *a*, trabalhado por Lacan no seminário 10, é retomado em O Seminário, livro 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/2008), no qual o autor o localiza como o objeto que surge de operações fundamentais da constituição do sujeito, a alienação e a separação. São operações que incidem nos campos do sujeito e do Outro, se caracterizando como as bases da causação do sujeito como dividido e *desejante*.

Essas duas operações são suportadas num processo circular, do sujeito ao Outro, e vice-versa, respectivamente. Lacan (1964/2008) utiliza-se de um pequeno losango como algoritmo para representar o que ele chama de processo de borda, de circularidade dos dois campos do sujeito e do Outro. Esse losango proposto por Lacan, provido de direções vetoriais, como indica a figura abaixo, deve ser lido de forma a se perceber um *v* inferior e outro *v* invertido, na metade superior, adquirindo em Lacan, o significado de *vel*.

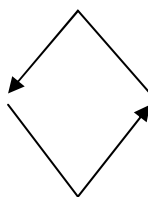


Figura 3: losango com direções vetoriais
Lacan, 2008

O termo *vel*, originário do latim e introduzido por Lacan (1964/2008) em sua elaboração sobre a constituição do sujeito, tem o sentido de *ou*, sendo que o autor o diferencia dos outros usos dessa conjunção. Não se trata de um *ou* que opera no sentido exaustivo, como por exemplo, “quero isso ou aquilo...” nem mesmo um *ou* que traz um sentido de “tanto faz”. O *vel* designado por Lacan conserva uma noção de *ou* alienante, que condena o sujeito a uma perda fundamental, exemplificada por Lacan na frase “a bolsa ou a vida!”, em que se o sujeito escolhe a bolsa perde a bolsa e a vida, se escolhe a vida, vai tê-la sem a bolsa, o que corresponde a uma vida mutilada.

Lacan (1964/2008) denomina o v inferior de *vel* da alienação, que representa a entrada do sujeito no campo da linguagem, e sua alienação ao significante do Outro. Esse processo é fundamental na inauguração do sujeito dividido pelo significante, produzindo a emergência do inconsciente a partir de uma perda do ser, que é impossível de ser restituído. Como diz o autor, trata-se de um véu que condena o sujeito a só surgir da divisão causada pelo significante. Na relação entre significantes, o sujeito surge como efeito da linguagem, como Lacan já havia dito em 1960, em *Posição do inconsciente* ao declarar que

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que esse significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante [...]. (LACAN, 1960/1998, p. 849).

Para que o sujeito seja esse efeito do significante, é preciso que ele se submeta à operação de reunião ou alienação ao campo do Outro, que Lacan propõe em 1964, em que estão determinados o campo do sujeito e o campo do Outro. Uma reunião de dois campos pressupõe não uma adição de elementos, mas uma subtração pela metade dos elementos comuns entre eles. Desse modo, algo dos dois conjuntos sempre irá se perder. Assim, como efeito dessa alienação no campo do Outro, o sujeito perde o seu ser, surgindo como dividido pela linguagem. Isso se observa como uma escolha que de qualquer forma admite uma perda; se ao optar pelo ser (que corresponde à bolsa) o sujeito desaparece, caso contrário, optando pelo sentido, ele só existirá sem a parte do não senso, que corresponde ao

inconsciente. Trata-se de uma lógica que opera na noção de “nem um, nem outro”, como observa Lacan (1964/2008, p. 206).

O ser humano perde algo do campo puramente vivo quando o aparato simbólico lhe confere sua marca. Na alienação o sujeito aparece “entre” significantes; no deslizamento que a ação significativa provoca. Na lógica desta operação, o sujeito encontra uma parte perdida de si, alienada no campo Outro. Porém, é somente a partir desse campo do Outro que o sujeito pode emergir.

Na medida em que o campo do Outro oferece seus significantes e atribui sentido ao sujeito, este pode se questionar “que sentido é esse?”; “o que sou para o Outro?”; “o que ele quer dizer de mim?”. Essas indagações, articuladas numa cadeia significativa, apontam para uma suspeita do sujeito de que existe algo para além do que o Outro diz, algo que está além do campo significativo e do sentido que o Outro dá para o sujeito. Nesse momento, percebe-se o movimento que Lacan (1964/2008) chamou de separação. Esse movimento só é identificado quando o sujeito se depara com o desejo do Outro, indicando que há algo que lhe falta, abrindo a possibilidade de o sujeito se questionar sobre o que falta na fala do Outro.

Se a alienação é representada pela reunião de conjuntos, a separação corresponde à interseção dos mesmos, e para Lacan (1964/2008), essa interseção do campo do sujeito e do campo do Outro surge do recobrimento de duas faltas. No que concerne ao sujeito, a falta indica a impossibilidade de ele ser totalmente representado no campo do Outro, já que a marca do significativo é justamente uma perda do ser do sujeito. No campo do Outro, a falta está apoiada na perda do sujeito, naquilo que surge enquanto objeto que, com seu desaparecimento, causa desejo no Outro. Desse modo, os objetos do desejo entram numa dialética de junção dos desejos do sujeito e do Outro, onde o que resta desta operação é o objeto *a*, causa do desejo.

Lacan (1964/2008) faz uma correspondência entre os termos separar, *se parere* e engendrar-se, trazendo à discussão a noção de que é pela via da separação que o sujeito “vem ao mundo” e se constitui como sujeito de desejo. É somente quando o sujeito identifica no Outro uma falta, que se torna possível ao sujeito operar a separação e se perceber como *desejante*. Nesse sentido, a operação de separação está estreitamente relacionada com a causa do desejo, que é o que resta dessa operação e que não está ligado ao sentido ou ao significativo, mas ao objeto cuja marca deixada por sua ausência causa o desejo, o objeto *a*. A

separação constitui, portanto, uma via de retorno do vel da alienação. Como afirma Lacan (1964/2008, p. 213), “pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significativa, no que ela é de essência alienante”.

Desse modo, é pela operação de separação que o sujeito, diante do Outro, responde a falta com a falta, fazendo-se desaparecer diante do enigma do desejo do Outro, conforme a fantasia de desaparecimento. No seminário 11, Lacan afirma que a fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito põe em jogo na dialética com o Outro, o que o autor identifica no sintoma da anorexia. Se Lacan indica que amar é dar o que não se tem, então, a partir disso é possível pensar que o sujeito só ama aquilo que não tem, de maneira que a fantasia de desaparecimento pode servir ao sujeito como forma de ele se tornar objeto do amor do Outro. É a própria perda que o sujeito propõe ao desejo parental, situando a própria falta no ponto da falta do Outro. Lacan explica isso afirmando que a falta do sujeito recobre a falta do Outro, na junção do desejo do sujeito ao desejo do Outro.

Esse movimento permite que o sujeito se abra ao seu desejo no ponto onde justamente o desconhece; “é no que seu desejo é desconhecido, é neste ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito” (LACAN, 1964/2008, p. 214). O objeto *a* se constitui como o real desconhecido que resta das operações de constituição do sujeito, e que, como parte do sujeito, é aquilo que causa sua condição de *desejante*. É preciso ressaltar que, para Lacan (1964/2008), as operações de alienação e separação ocorrem de forma simultânea, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito se aliena ao significante do Outro, ocorre uma perda constitutiva do objeto, fundando a falta tanto no sujeito quanto no Outro, e instaurando nos dois a dimensão do desejo.

A partir dessas considerações, abordaremos uma modalidade sob a qual o objeto pequeno *a* se apresenta como realização no corpo – o objeto *nada*, vestimenta para um vazio estrutural, que na anorexia pode ser pensado como uma realização que subjuga o significante, demonstrando uma grande dificuldade de integrar algo do gozo ao desejo.

3.2.2 O objeto nada e a causa de desejo na anorexia

Os ensinamentos de Lacan em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) instituem o objeto nada como um dos objetos *a*, ou seja, aquilo de que o sujeito, em sua constituição, separou como órgão na operação de separação, e que vale como símbolo da falta, do falo como aquilo que faz falta. Nesse sentido, o nada é um objeto separável e também mantém uma relação com a falta. Além do objeto nada, tem-se uma série de objetos separados do corpo na divisão do sujeito pelo significante, como o anal, o escópico e o objeto invocante, dos quais o sujeito se utiliza como vestimentas do vazio deixado pela operação de separação.

Com relação ao objeto nada, Lacan (1964/2008) o situa em um nível oral. Para o autor, esse objeto aponta que aquilo de que o sujeito foi desmamado não significa mais nada, de modo que o objeto do desmame pode funcionar como objeto de privação. É nesse sentido que Lacan afirma que “na anorexia mental o que a criança come é o *nada*” (LACAN, 1964/2008, p. 105).

Ao utilizar o artigo *o* Lacan (1964) substantiva o *nada*, e dá substancialidade e consistência a este objeto que se configura como um objeto real, que é “o nada”, o qual a criança come. Nesse contexto, o objeto está introduzido não na lógica do desejo de nada, que se interpõe entre o sujeito e o Outro, mas na lógica da irreducibilidade entre o objeto que é causa e o campo do Outro, já que o objeto, enquanto real, não está submetido à ordem significante.

Desse modo, o *a* é irreduzível ao símbolo, na medida em que escapa à significação, ao campo do Outro. E é em torno desse objeto vazio de significação, que não se prende nem ao campo do sujeito nem ao campo do Outro, que a pulsão circula em busca de satisfação. Se em torno deste objeto a pulsão circula é porque este objeto assume algum contorno, uma borda capaz de manter a pulsão em sua circularidade. A esse respeito Rinaldi aponta que

O objeto *a* é um vazio que a pulsão contorna e tem uma realidade puramente topológica. Como tal tem uma função separadora na relação do sujeito ao Outro. Não é o objeto do desejo, mas o objeto que falta, o objeto causa do desejo. Pode ser pensado como um nada, um núcleo de não saber, em torno do qual se organiza o mundo do desejo. (RINALDI, 2008)

Em um nível oral, além do *nada* provocar a separação entre o sujeito e o Outro, como sugere Lacan no seminário 4, ele se constitui como o objeto que causa o desejo. Ao comê-lo, o sujeito se alimenta daquilo que pode instaurar nele a dimensão da falta. O nada, como veste de um vazio fundamental, toma corpo ao se tornar aquilo que o sujeito devora, que o sujeito introjeta com obstinação.

No seminário 11, ao conceber o objeto nada enquanto objeto real, Lacan admite que na anorexia o que está em questão é mais da ordem do real que da ordem do simbólico, de modo que o objeto pode ser introjetado no nível oral sob a forma do objeto nada. Não se trata, portanto, de um objeto que tem uma função de mediação simbólica, já que traz a dimensão real de um objeto que tem sua substância materializada na forma do objeto nada.

Um ponto fundamental trazido por Lacan em 1964, aponta a diferença estrutural entre o objeto nada abordado no seminário 4 e o objeto nada trabalhado pelo autor no seminário 11, qual seja, o caráter real que este objeto assume a partir da noção de causa de desejo. No seminário 4, o nada é considerado pelo autor como aquilo do qual o sujeito se utiliza como recurso para se defender de um Outro que não deixa espaço para que o sujeito se constitua como desejante. Dessa forma, o sujeito, por meio do objeto nada, saboreia uma ausência que é simbólica. De outra maneira, no seminário 11, o objeto nada de que se trata é aquele que surge em sua dimensão real, tomando o corpo do sujeito de forma decisiva, cadaverizando-o a partir de uma identificação imaginária, marcando um empobrecimento do sujeito ao se utilizar do simbólico em sua função de mediação.

Se Lacan (1964/2008) acrescenta ao objeto *a*, causa de desejo, o objeto nada, que em seus ensinamentos sempre aparece articulado à anorexia, é porque há neste objeto algo que aponte para a dimensão do desejo na anorexia. Por isso acredita-se que em casos graves de anorexia na neurose o objeto nada pode se apresentar na vertente de causa de desejo, apesar de se tratar de uma forma precária de se desejar, já que o sujeito precisa utilizar como recurso um objeto real. Como observa Lima (2009) os sujeitos com anorexia trazem uma carência de marcas simbólicas, o que nos leva à hipótese de que essa debilidade simbólica e a constituição empobrecida do desejo podem levar o sujeito, mesmo na neurose, a se apropriar desse nada, uma das formatações do objeto *a*, como um mais gozar, subvertendo sua finalidade, que seria ter como efeito o desejo. As contribuições de Hekier (2005) ajudam a dar consistência à nossa hipótese, na medida em que ele

observa que em casos de anorexia o fazer-se amar e o fazer-se sofrer pode dar-se à maneira de um delicioso tormento. Na fantasia de desaparecimento, por exemplo, o sujeito pode se valer do fazer-se nada para, enquanto a própria encarnação do objeto, causar desejo no Outro, ao mesmo tempo em que isso se dá como um excesso de gozo para o sujeito, que assola diretamente o corpo, o que será abordado com maior clareza no capítulo seguinte.

O objeto nada introduzido em sua materialidade pelo sujeito mostra-se irreduzível ao campo do Outro. Pensa-se nesta irreduzibilidade não à maneira da exclusão do Outro, já que estamos considerando a neurose, mas de uma precariedade dos recursos do sujeito para lidar com o Outro, o que faz com que este sujeito esteja marcado pelo simbólico, apesar de não saber fazer dele um investimento no desejo.

Lima (2009), em *Anorexia como um sintoma da puberdade*, declara que na anorexia o que está em jogo é o corpo e sua imagem, indicando que a função fálica não opera para defender o sujeito do real e do gozo, o que faz com que o corpo em sua dimensão real e imaginária, se sobressaia à dimensão simbólica. A identificação à nomeação “ser anorético” pode ser entendida como um último recurso do sujeito para fazer laço social; entretanto, trata-se de um laço que não é organizado simbolicamente, sendo vazio de significação, como observa a autora.

Este tipo de laço social ao qual o sujeito anorético recorre é marcado pela via do gozo e do objeto, e não pelo simbólico cujas marcas poderiam regular o gozo corporal. Na ausência das marcas simbólicas, a anorexia se configura como uma estratégia contemporânea de marcar o corpo, pela via da identificação imaginária, como declara Lima:

Estamos diante de uma identificação alienante que enlaça os registros do real e do imaginário e deixa de lado o simbólico, que facilitaria as trocas no campo da linguagem, das relações sociais, amorosas e sexuais. É preciso dizer que a identificação simbólica permitiria, também, a constituição de um sintoma no sentido estrito do termo e este não é o caso da anorexia. (LIMA, 2009)

Desse modo, na anorexia, a relação do sujeito com o Outro cede espaço para a relação do sujeito com o objeto, e o objeto nada se introduz como aquilo de real que resta da relação do sujeito com o Outro. Com isso, é possível pensar que na anorexia o nada resta da relação do sujeito com o Outro.

Pode-se pensar que é sobre esse nada, objeto real que resta da operação de separação entre o sujeito e o Outro, que o sujeito anoréxico encontra uma via de constituir seu desejo. A esse respeito, a seguinte citação de Lacan nos parece esclarecedora:

O objeto a é aquilo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto – primeiramente, separável – e depois, tendo alguma relação com a falta. Vou já encarnar para vocês o que quero dizer. No nível oral, é o nada [...]. Na anorexia mental, o que a criança come é o nada.” (LACAN, 1964/2008, p. 104-105).

Se o objeto nada é nomeado pelo autor como um dos objetos a, podemos ler nesta citação que o nada, enquanto objeto real vale como símbolo da falta quando é tomado pelo sujeito enquanto causa de desejo. Nessa via de entendimento, o nada talvez possa ser compreendido como um objeto que constitui o sujeito de desejo, ainda que as consequências dessa estratégia inconsciente tragam danos significativos para o sujeito anoréxico, na medida em que o objeto nada se corporifica no sujeito.

Enquanto a constituição do desejo na anorexia encontra amparo nas formatações do objeto nada, este objeto torna-se essencial para o sujeito, surgindo como parte desgarrada de seu corpo, a qual ele tenta apreender ou introjetar sob a forma de reparação da perda. É possível compreender que quando Lacan (1964/2008) diz sobre comer o *nada*, essa é uma forma que o sujeito anoréxico encontra para tentar resgatar algo perdido do seu ser. Esse objeto que existe enquanto objeto vazio, como lembra Recalcati em seu livro *A última ceia: anorexia e bulimia*, é “substância sem substância. Comida impossível de comer” (2007, p. 97). Essa falta de empirismo nos leva a comparar esse objeto à poeira ou à nuvem, que ainda que tenham forma, são incorpóreos, como a espuma que Beatrice, um caso relatado por Recalcati (2007), sonhava em comer. De acordo com o autor, essa paciente apresenta algo bem comum na posição anoréxica, que é comer o que não se poder comer realmente. A espuma é algo que pode ser pensada entre a comida e o nada, estando mais próxima, inclusive, deste último, que mesmo sem substância, é materializada e incorporada pelo sujeito.

O objeto revela-se consistente na anorexia, e se torna aquilo que o sujeito come, reintroduzindo ao corpo o objeto que caiu como órgão, como parte de seu

corpo. Assim, Recalcati afirma que “os anoréxicos comem nada, mas um nada que é consistente, um nada que tem uma espécie de espessura, a espessura da consistência do desejo.”⁴ (RECALCATI, 2007, p. 97, tradução nossa).

Entretanto, é preciso notar que esse desejo que surge a partir desse resto fecundo que é o nada, Recalcati (2007) o chama de desejo débil, pois para o autor, ao mesmo tempo em que há na anorexia uma defesa obstinada da causa do desejo, há também um desamparo do desejo por um gozo que se apropria desse vazio fundamental colocando no lugar do sinal de menos, da falta-a-ser, o sinal de adição, do gozo. Esse acréscimo de gozo leva o objeto nada à radicalidade de fazer do nada, tudo. Nessa fórmula, o sujeito anoréxico vai do nada para comer ao tudo para gozar.

Nos casos graves de anorexia na neurose, o objeto nada pode fazer-se presente no corpo de uma maneira que escancara o estatuto real do objeto, numa dimensão que toma o corpo do sujeito de forma abrupta e evita um posicionamento em relação à função fálica, conforme observa Lima (2009).

Tanto no seminário 4 quanto no seminário 11, Lacan situa o objeto nada no nível oral, entretanto, a partir de sua obra e das manifestações clínicas, é possível deduzir que o nada, enquanto objeto, se apresenta em outras modalidades. Tendo em vista que a psicanálise entende o sintoma como uma manifestação singular de cada sujeito, não seria possível ignorar que, na neurose ou mesmo especificamente na histeria, possa haver outras maneiras do sujeito lidar com o objeto *nada*. Seja por causa dos diversos estatutos da pulsão, pelas diferenças entre anorexias brandas ou severas, ou seja, ainda, pelas questões relativas ao diagnóstico diferencial, Eidelberg (2009), em *Porções do nada*, aponta a existência de variações do objeto nada. A autora pontua a existência de pelo menos dois tipos de incidência nos quais o *nada* está presente além da dimensão oral, ou seja, no registro escópico, em que o sujeito mostra “nada do corpo” ao Outro, e na condição de “ser nada”.

No que se refere ao “mostrar nada” de corpo na anorexia, Eidelberg (2009) diz que é uma situação que pode ocorrer com mais frequência na adolescência, onde as questões do amor, do desejo e do gozo estão envolvidas no encontro com o

⁴ “Las anoréxicas comen nada, pero una nada que es consistente, una nada que tiene una especie de espesor, el espesor de la consistencia del deseo.”

Outro, não mais o Outro materno, mas o Outro sexo, em que a subtração do sujeito como objeto do olhar do Outro se dá no real do corpo anoréxico.

Nesse caso, trata-se de um enlace entre o excesso de carne que surge na imagem especular e o objeto olhar que, do campo do Outro, não vê o sujeito em sua verdadeira forma, o que dá lugar a controles rigorosos da alimentação, a fim de colocar um limite ao que é excesso no campo do Outro. Assim como o “comer nada” na anorexia se distingue da simples perda do apetite, o mostrar nada deve se distinguir de um transtorno da percepção do corpo e da mera insatisfação que a imagem refletida no espelho traz. Por um lado, há na anorexia uma obstaculização da relação com o Outro, e por outro lado, uma fixação na imagem: “o sujeito mantém um vínculo solidificado com sua imagem, ocupado como está em controlar qualquer excesso que possa alterar sua organização narcisística⁵” (EIDELBERG, 2009, p. 106, tradução nossa).

O sujeito elimina tudo de si que pode satisfazer o gozo do Outro; o que fica são somente pele e ossos. No discurso anoréxico, a problemática do sujeito é fazer do nada tudo o que se consegue ver no corpo, nada de carne, nada de curvas, nada de beleza. Dessa forma, o sujeito anoréxico institui a dimensão da falta, mas de uma maneira alienada do campo simbólico, já que é no real do corpo que o sujeito anoréxico “mostra nada” para conter o gozo do Outro. A causa de desejo parece estar aí forjada no objeto nada como forma do sujeito fazer-se livre do gozo excessivo do Outro, sem se dar conta de que ao ir nessa direção, a causa de desejo se configura em uma forma de gozo.

Outro uso que o sujeito anoréxico pode fazer do objeto nada é na vertente do “ser nada”, conforme as indicações de Eidelberg (2009). Segundo a autora, essa modalidade está presente nos casos de anorexia histérica, em que a perda do objeto amoroso desencadeia a angústia de castração, vacilando as identificações e dando lugar a *actings-out* como uma tentativa de reinserção ao campo do Outro. Nesses casos, o “ser nada” está associado à fantasia de desaparecimento em que o anoréxico ameaça o Outro de perdê-la. A respeito da fantasia de desaparecimento, Lacan (1964/2008, p. 210) diz que “a fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nessa

⁵ “El sujeto mantiene un lazo coagulado con su imagen, atareado como está en controlar cualquier exceso que pudiera alterar su organización narcisística.”

dialética, e ele o põe, com efeito – sabemos disto por mil fatos, ainda que fosse pela anorexia mental”.

Essa questão também é apontada por Miller (2005, p. 113) em *Anorexia-Bulimia: desejo de nada*, em que a autora diz que por meio de “ser no nada” o anoréxico tenta fazer consistir o seu ser nesse objeto nada que já é consistente. Essa construção de um sujeito feito de nada pode ser entendida como uma resposta à ignorância do Outro que oferece papinha ao sujeito como se fosse tudo o que ele precisasse. O Outro do sujeito anoréxico muitas vezes é aquele que o deixa no lugar de nada, de objeto que resta.

Retomando a operação de separação, em que Lacan (1964/2008) postula que uma falta recobre a outra, o “ser nada” na anorexia pode operar como uma maneira do sujeito se oferecer ao desejo do Outro, colocando-se na posição de objeto que causa no Outro o desejo.

Hekier (2005) confirma que essa posição de objeto é freqüente em casos de anorexia e bulimia, em que o que está em questão é uma sujeição indiscutível que restringe a liberdade do sujeito, “uma adesão cega e uma inquestionável submissão a certos desígnios, a certas frases que comandam sua vida.”⁶ (HEKIER, 2005, p. 108, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o corpo anoréxico padece da objetividade, transformando-se em um corpo onde o significante se esvai junto com a perda de calorias, sucumbindo ao real de quilos perdidos, ao controle do corpo e de suas necessidades e sensações, como a fome. É disso que o anoréxico sabe falar, do corpo real, do corpo objeto. Nesse sentido, Hekier e Miller (2005, p. 60) nos diz que “o que escapa ao significante encontra-se ligado ao Real, que é separável, hospedado no corpo”⁷.

Isso leva alguns autores como Cosenza (2008), Recalcati (2001 e 2007), Hekier e Miller (2005) e Schejtman (2009) a inserir a anorexia nas chamadas patologias do ato, categoria que inclui as compulsões, as adicções e a toxicomania. Nestas manifestações, a dimensão do ato é determinante, excluindo a dimensão discursiva e, portanto, a ordem do significante. Na anorexia isso pode ser pensado como o ato do sujeito em mostrar nada do corpo ou mesmo tornar-se o próprio nada,

⁶ “Una adhesión ciega y un incuestionable sometimiento a ciertos designios, a ciertas frases que comandan su vida.”

⁷ “Lo que escapa al significante queda ligado a lo Real, que es separable, alojado em el cuerpo.”

buscando sua satisfação não com significantes, mas com o objeto nada. Ao privilegiar o real do corpo, o sujeito anoréxico rechaça o significante e responde no domínio da necessidade, confundindo, conforme Hekier (2005), o registro do desejo com o registro da necessidade, bloqueando a dialética do desejo. Dessa forma, para o autor, onde o ato impera, não há sujeito representado pelo significante, ou seja, entre o sujeito e o ato há uma disjunção. Lima (2009) também considera a recusa alimentar como uma prática que assume a forma de ato, na medida em que reitera o encontro do sujeito com o objeto de gozo – e podemos pensar aqui no objeto nada – sem que para isso haja uma mediação simbólica.

Para Hekier (2005), a crise anoréxica na neurose pode ser pensada como uma modalidade de apresentação do objeto a, o que o faz crer que o desejo, nesse sintoma, não busca satisfação com significantes, mas com objetos; o que mostra que o corpo goza de uma forma diferente que nos sintomas conversivos, já que na anorexia o corpo não é metáfora, mas o próprio objeto a em forma de nada.

Dessa forma, pode-se pensar que, na neurose, a anorexia pode revelar o objeto nada em duas vertentes na relação do sujeito com o Outro. A primeira refere-se ao momento no qual o sujeito deixa-se cair como objeto para se colocar para o Outro como causa de desejo. Outra vertente diz respeito ao sujeito que, enquanto nada, padece do significante, estabelecendo uma distância em relação ao Outro. É importante observar que, se na psicose verificamos uma recusa ou um rechaço do Outro, na neurose pode-se dizer que há um afastamento e não uma recusa absoluta do Outro. Ao forçar este distanciamento e insistir numa *certa* recusa ao Outro, o sujeito anoréxico, na neurose, deixa o corpo entregue a um gozo que não passa pelo significante, esvaziado de sentido, o que remete ao que Lacan havia dito na Conferência de Genebra (1975/1998), ou seja, que o que o sujeito não pode dizer, ele grita pelos poros de seu ser. Ao fazer-se nada para causar no Outro o desejo, o anoréxico cai num engodo, pois se torna objeto caído na impossibilidade de, enquanto objeto, ser também, ao mesmo tempo, sujeito *desejante*, demonstrando que em um corpo feito de nada o gozo distorce a dialética do desejo.

O objeto nada, vestimenta para o vazio que resta da operação de separação do sujeito do campo do Outro, é capturado não somente como objeto de causalidade, mas também na dimensão de mais-gozar. Se por um lado o sujeito anoréxico utiliza-se do nada como objeto que causa ou desperta nele a falta, ou seja, o desejo, por outro lado, o nada, como objeto da pulsão, pode transformar-se

em objeto mais-gozar, o que, por seu fluxo desordenado de excitação e por seu excesso, pode calar o desejo. Nesse caso, podemos notar uma mudança de proposição, ou seja, o corpo simbólico e o sujeito de desejo dão lugar a um corpo tomado muito mais em sua vertente real e a um sujeito que faz uso do nada a serviço do gozo, em detrimento da causa do desejo. Isso culmina num processo de deserotização deste corpo, o que também está associado ao que Bidaud (1998) chamou de apagamento das zonas erógenas, ou seja, o corpo, intensamente presente em sua dimensão real, encontra-se exaurido de seus recursos libidinais.

Portanto, a noção do objeto nada que é introduzida no seminário 11 de Lacan comporta estruturalmente sua condição de causa de desejo, já que podemos pensá-lo na anorexia como o elemento que resta das operações de constituição do sujeito. Entretanto, essa função de causa do desejo não é soberana na definição do objeto a, pois este, tendo como forma o objeto nada, também é promovido pelo sujeito a objeto mais-gozar. Assim, tem-se que nos sintomas anoréxicos, o objeto nada assume uma dupla funcionalidade, pois o sujeito, ao subtrair este objeto a fim de tomá-lo na via de constituição do seu desejo, é surpreendido por um gozo que toma o nada não na perspectiva da falta, mas de um excesso de presença do objeto real. Assim, o nada se mostra escancarado no corpo, de modo que poderíamos pensá-lo como uma substância corrosiva, que vai delimitando sua forma na figura do corpo anoréxico. Com isso, não podemos deixar de notar a grande complexidade da arquitetura do desejo na anorexia, que é atravessado por uma forma de gozo cuja satisfação não passa pelo símbolo, e que perverte a ordem do significante.

4. FRAGMENTO CLÍNICO: O DIÁRIO DE UMA ANORÉXICA

Você é como um mistério
Por que não posso destrancar a porta?
Nem tudo que reluz é ouro
Muito é demais
O amor pode ser lindo
Ou um remédio amargo⁸

Warrant

O presente capítulo propõe uma reflexão acerca de uma das possíveis declinações do objeto *a*, o nada, a partir de um caso de anorexia cujo material clínico foi obtido em um *blog* de anorexia, disponível na internet.

Por considerarmos que o fenômeno anoréxico assume uma pluralidade de manifestações, podendo ser identificado nas diferentes estruturas clínicas, e por verificarmos que ele pode configurar-se como sintoma na medida em que diz respeito a cada sujeito em particular, optamos por trazer a este trabalho um caso de anorexia na neurose para, a partir deste caso enquanto específico, realizarmos articulações acerca da noção de objeto. Como já citado no início desta dissertação, apesar da importância de se fazer o diagnóstico diferencial, muitas vezes isso se torna árduo em casos de anorexia, já que estes sintomas costumam apresentar manifestações nem sempre tão definidas acerca da estrutura. Entretanto, o caso investigado ofereceu importantes indícios de que se trata de uma neurose, como é possível perceber no decorrer deste capítulo, mas talvez o mais importante deles se refira ao fato de que o Outro para o sujeito não está rechaçado, estando presente para o sujeito, ainda que de uma maneira embaraçosa. Verificamos ainda no discurso de Ana Luíza o quanto ela se apresenta como um sujeito dividido, sempre às voltas com a dualidade amar/fazer-se amar, precisar/desejar, viver/morrer, indicando que a estruturação da neurose de alguma forma se efetivou.

Esta pesquisa permitiu o acesso a diversos *blogs* relacionados à anorexia. Ao criar um *blog*, a pessoa o organiza conforme suas preferências, colocando nele depoimentos e relatos do assunto que preferir, como em um diário. Entretanto, o

⁸ Trecho da música *The Bitter Pill* (O remédio amargo), da banda *Warrant*, citada por Ana Luíza em seu *blog* como “uma música que carrega todo o significado e fala por mim”.

blog se diferencia de um diário na medida em que os depoimentos são publicados e estão disponíveis para leitura de quem se interessar. Além disso, os leitores também têm a possibilidade de comentar os depoimentos publicados pelo autor.

Dentre os *blogs* acessados, elegemos aquele que nos pareceu mais rico para uma discussão acerca do tema. Como forma de preservar o nome do *blog* e de sua autora, conveniou-se chamá-la de Ana Luíza. Seu *blog* foi criado em 2006 como um espaço em que a autora expõe seus depoimentos “como uma espécie de terapia”, como ela mesma diz. Segundo seus relatos, a anorexia faz parte da sua vida há aproximadamente vinte anos, sendo que atualmente, ela tem em torno de trinta e cinco anos de idade, e posta depoimentos num ritmo menor. Para Ana Luíza, a psicanálise tornou-se um recurso importante em seu tratamento, apesar de não saber muito bem de que forma isso aconteceu, como ela mesma afirma.

A escolha por esse *blog* foi feita tendo em vista que os depoimentos disponíveis constituem um material de grande importância para a pesquisa, pois além de elucidar as conceituações teóricas dos autores, permite outras reflexões. Neste diário virtual dois pontos chamaram a atenção. O primeiro deles é a função da escrita para o sujeito anoréxico ao fazer uso destes diários virtuais. O segundo ponto remete à forma como o objeto nada está incluído no discurso de Ana Luíza, surgindo tanto como causa de desejo como condensador de gozo, o que será trabalhado no decurso deste capítulo.

O conteúdo deste diário virtual nos revela como o sintoma anoréxico não só participa da vida do sujeito em questão, mas também surge como diretriz de sua forma de se colocar no mundo e nas relações; diretriz à qual Ana Luíza adere na intempestividade do gozo, fazendo de sua recusa à alimentação uma forma de colocar em ato a presença do objeto nada. Nesse sentido, sua anorexia pode ser entendida no campo das patologias do ato, em que há uma recusa da dimensão discursiva e uma adesão ao gozo corporal, como observa Recalcati (2007).

Assim, acreditamos que os registros de Ana Luíza são preciosos para demonstrar como o gozo irrompe sobre o desejo de forma a emudecê-lo. É preciso ressaltar que essas reflexões a respeito da anorexia de Ana Luíza, não são feitas no sentido do descobrimento de algo escondido e oculto em sua escrita, mas se referem àquilo que se mostra na superfície do seu discurso, no decorrer de seu falar por escrito.

4.1. Uma escrita que convida o Outro

Não se pretende aqui fazer um estudo sobre a função da escrita na anorexia, pois sua relevância exigiria um trabalho longo e específico. É importante, porém, introduzir aqui uma questão. Se há certo consenso entre os analistas de que na anorexia é comum e notável a dificuldade desses sujeitos em falar e associar, apontando a precariedade simbólica desse sintoma, de que forma esses sujeitos recorrem à escrita? Que função pode ter esse falar por escrito?

É preciso dizer que em diversos *blogs* os depoimentos têm um caráter pró-anorexia, onde o que está escrito são dicas de emagrecimento, como fazer para se tornar anoréxico e instruções sobre peso, medidas e calorias. Isso mostra um possível enrijecimento do discurso e uma precariedade do uso de um diário. Entretanto, encontramos depoimentos como os de Ana Luíza, em que são relatadas algumas lembranças e situações que a entristecem, alguns dramas familiares e amorosos, os embaraços de sua relação com o Outro, sem que tudo isso deixe de se referenciar ao sintoma da anorexia, sua relação com o corpo e o comer, apontando a fixidez do objeto nada.

Parece que falar através da escrita no *blog* pode ser uma maneira que o sujeito encontra para fazer algum tipo de laço com o Outro, já que o sujeito o inclui em sua escrita e lhe direciona uma interminável demanda de amor. Aliado a esta convocação do Outro, a escrita de Ana Luíza parece se constituir como uma maneira de dar um destino à pulsão, um destino que permite à pulsão alguma circularidade para fora do corpo. Nessa chave de leitura, a escrita no *blog* poderia ser entendida como um recurso de esvaziamento do excesso de gozo, em que o sujeito a utiliza como um contorno para a pulsão, que localiza e circunscreve o gozo. Assim, esta escrita pode remeter o sujeito a um modo de gozo e indicar certo compromisso do anoréxico de postar seus depoimentos ao leitor. Isso parece indicar um investimento do sujeito na manutenção da anorexia, na medida em que registra os impactos destrutivos do sintoma. Ana Luíza mostra de que forma isso ocorre com ela:

[...] comecei a entrar numa neura assim: se eu não escrever no *blog* isso que está acontecendo comigo, vou me sentir desonesta porque vai parecer que estou enganando as pessoas que perdem seu tempo lendo o que escrevo. Mas ao mesmo tempo, se eu escrever as minhas neuras, pode desestimulá-las a procurar tratamento, caso tenham essa idéia... Putz,

demorei pra resolver o que faria, mas decidi escrever porque sempre vou me arrepender mesmo... (sic)

Ainda a respeito da escrita no *blog*, destaca-se a questão da identidade do autor. Os recursos virtuais de comunicação dão aos usuários a possibilidade de forjar uma nova identidade ao estabelecer contatos com outras pessoas. No *blog* em questão, a identidade de Ana Luíza, possivelmente, é fictícia, criada pela autora. Entretanto, no que diz respeito à anorexia, há algo que vai além das viabilidades do mundo virtual e que incide sobre a identidade do sujeito. A designação das anoréxicas pelo nome Ana, fazendo de todas uma única, uma “toda Ana”, faz com que o sujeito tome para si um nome que não é próprio, fazendo desaparecer o sujeito, que fica eclipsado por esta nomeação. Ao utilizar um nome indistinto, Ana Luíza perde algo que é da ordem do singular, colocando-se no campo da generalização, por outro lado, o movimento que ela faz de escrever não se dá sem que ela deixe registrado algo de sua condição de sujeito singular; em sua escrita o sujeito está implicado.

O endereçamento da escrita de Ana Luíza é também algo interessante. Entendemos que é uma escrita endereçada ao Outro. Este, como já dissemos, está incluído em seu discurso, e é por meio de sua escrita que o sujeito demanda um lugar no desejo do Outro como forma de constituir seu desejo de forma consistente. Nesse sentido, o Outro não se encontra rechaçado no discurso de Ana Luíza, mas ao contrário, por meio da escrita ela dá existência ao Outro.

No que se refere ao outro, enquanto semelhante, pensamos que a escrita no *blog* pode ser um recurso que o sujeito anoréxico encontra para tentar viabilizar uma aproximação, já que, como observa Ana Luíza, com o aparecimento da anorexia ela foi se distanciando dos amigos e das pessoas mais próximas.

No entanto, o que percebemos é que essa tentativa de fazer laço com o semelhante se dá em meio a embaraços, pois a condição de algum vínculo é que este se dê numa relação à distância. Isso faz pensar acerca da dificuldade do sujeito anoréxico em fazer laços sociais, o que, no caso de Ana Luíza, identifica-se nessa distância que ela precisa estabelecer com o outro para que seja possível alguma comunicação.

A escrita e divulgação de um diário virtual possibilitam o acesso de qualquer pessoa ao conteúdo publicado. Nesse sentido, entendemos que em um *blog* há uma escrita destinada a todos, não havendo um vetor que a direcione a alguém em

específico, o que também se verifica na escrita de um livro, por exemplo. Entretanto, identifica-se uma diferença fundamental entre estas duas produções: a autoria. Com relação ao livro, conhecemos o sujeito que o escreveu, e este se revela ao leitor e se responsabiliza por suas declarações e posicionamento. Por outro lado, ao criar um *blog* e publicar sua escrita, o sujeito pode se manter no anonimato e colocar também o outro nesta condição anônima, na medida em que não oferece ao leitor a possibilidade de se fazer conhecido ou de reconhecer o autor, tornando-se uma relação que se estabelece no nível do imaginário. Se de alguma maneira Ana Luíza se mostra em sua escrita, ela também se esconde na medida em que deixa velado o seu nome e tudo o que ele pode representar.

4.2 O “ser nada” como uma declinação do objeto a

Os relatos de Ana Luíza mostram o quanto sua anorexia pode ser entendida como um sintoma que surge como solução para o sujeito. No primeiro depoimento do *blog*, ela deixa claro que permanecer anoréxica, para ela, tem um sentido: “Não sou a favor dessa doença – não mesmo, mas ao mesmo tempo não quero me livrar dela porque sei que a minha vida se complicaria ainda mais...” Esta declaração dá indícios de que a anorexia tem uma função para este sujeito, que vem sustentando este sintoma por muito tempo.

Em seus depoimentos, Ana Luíza conta que a anorexia surgiu quando ela era adolescente, por volta de seus 13 anos de idade, logo depois de ter conhecido o rapaz por quem se apaixonou, mas que começou a namorar muito tempo depois, vindo a se casar. Segundo ela, o período da emergência da anorexia foi o pior de sua vida, pois passava o tempo todo na cama e depressiva, levantando-se apenas para ir à escola. De acordo com seus relatos, antes desse namorado aparecer, ela só se interessava por garotos que gostavam de sua irmã, e que, por isso, nem a olhavam ou a desprezavam. A anorexia aparece quando ela se interessa por alguém que faz retornar para ela algo do desejo sexual, fazendo com que ela se veja implicada em um romance que é seu, e não de sua irmã.

Essa circunstância indica o que Lima (2009) postula a respeito do surgimento da anorexia na puberdade, em que se verifica uma crise do desejo e do gozo sexual,

de modo que o sujeito não consegue inscrever o gozo no campo do desejo sexual. O desaparecimento das formas e dos atributos femininos demonstra como os sujeitos anoréxicos têm uma dificuldade em se posicionar diante do Outro sexo, sendo que a anorexia pode surgir como uma solução a esta questão, já que mostra um corpo assexuado, distinto tanto da virilidade masculina quanto da sensualidade feminina; um corpo infantil.

Certa condição infantil também pode ser percebida em um elemento que aparece de maneira insistente no discurso de Ana Luíza, que é a questão de sua vida valer ou não alguma coisa para as outras pessoas, especialmente as mais próximas. Como uma criança que joga com sua presença-ausência, em jogos de esconder e aparecer, Ana Luíza parece utilizar-se disso em sua fantasia de desaparecimento. Como já citado, Lacan refere-se à anorexia ao problematizar a fantasia de desaparecimento, a qual, segundo o autor, é o que o sujeito põe em jogo na dialética com o Outro mediante a questão *“Pode ele me perder?”*⁹ (LACAN, 1964/2008, p. 110). Esta pergunta tem desdobramentos na constituição do sujeito anoréxico na medida em que o perder-se do Outro se dá na dimensão corporal. Esta fantasia, que se substancializa no real do corpo esquelético do anoréxico, pode surgir como ameaça que põe em cheque o amor do Outro. Em determinados momentos, Ana diz: “eu sempre fico pensando que eu não faria falta se eu morresse. Tenho algumas razões para achar isso...”, “[...] o meu gato me ama, mas acho que ele só sentiria minha falta por um mês, depois já era...”, ou ainda:

Quanto tempo será que doeria em alguém se eu morresse agora? Será que doeria em alguém? Será que alguém pensaria: era uma pessoa tão legal, ou era uma pessoa tão doida? Será que eu valho alguma coisa? Quanto? Pra quem?

Nesse viés, Ana Luíza avança na direção de seu desaparecimento por meio do sintoma anoréxico, se perguntando sobre o desejo do Outro e o sobre o lugar que ela ocupa neste desejo, supondo que ao fazer-se, para o Outro, o objeto que causa o desejo, o objeto *a*, encontrará a dimensão do desejo do Outro. É, portanto, uma estratégia em defesa do desejo e ao mesmo tempo um fazer-se o próprio objeto que causa este desejo.

⁹ Grifos do autor.

Ela descreve uma sucessão de acontecimentos, ou de não acontecimentos que para ela significam uma sequência de evidências de que ela não ocupa um lugar fálico para o Outro. Assim, ela conta:

Ninguém nunca fez uma festa surpresa pra mim... ninguém lutaria pra defender uma causa em meu nome... sou facilmente esquecida... não sou legal... ninguém nunca se apaixonou por mim de verdade... nunca tive amigos de verdade, daqueles que realmente se importam... na festa que eu dei de aniversário, não foi ninguém, literalmente... nem a minha mãe me acha bonita; na verdade, ela me acha uma chata e nunca me escuta...

É interessante observar que Ana Luíza não se queixa de um Outro que se intromete com seus cuidados excessivos, mas o que para ela torna-se insuportável é justamente o desamparo que sente em relação ao Outro, que está representado pela mãe e por pessoas de seu afeto. Nesse sentido, tanto quanto um Outro que sufoca o sujeito com seus excessos de cuidado, o Outro que nada oferece também não deixa emergir a dimensão do desejo pois, de qualquer forma, trata-se de não transmitir ao sujeito a dimensão da falta. O Outro ao qual Ana Luíza se refere não a inscreve no seu desejo e não lhe transmite o dom do amor, deixando-a na repetição de uma demanda de amor exigente e insaciável, recusando o objeto da necessidade para afirmar que a dimensão do desejo está em outro lugar. Quinet, em *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*, salienta:

[...] a tentativa de satisfação da necessidade tenta preencher a falta contida na demanda de amor desconsiderando que aí existe um sujeito. E este acaba por reagir, seja com uma atitude de rechaço, seja fazendo greve para fazer valer o desejo. É o caso [...] da anoréxica que faz greve para manter a falta constitutiva do desejo e mostrar que sua fome não é de comida e sim de amor. Recusando a resposta fisiológica à demanda, a anoréxica faz existir o objeto a, irrepresentável por qualquer alimento, vazio contornado pela pulsão oral: ela come nada (QUINET, 2000, p. 98).

Nos depoimentos em que Ana se questiona sobre o lugar que ela ocupa no desejo do Outro, há uma resposta que ela formaliza sob a forma de uma pergunta: “Por que eu sou esse zero à esquerda? Por que eu nunca pude fazer nada legal?”¹⁰. Isso nos remete ao que Lacan (1962-1963) diz a respeito de o sujeito receber do Outro a própria mensagem sob forma invertida. Segundo o autor: “[...] é do Outro que o sujeito recebe sua própria mensagem. A primeira emergência, aquela que se inscreve neste quadro, é apenas um “*quem sou eu?*” inconsciente, posto que não

¹⁰ Grifos de Ana Luíza.

formulável, ao qual responde [...] um “tu és”¹¹ (LACAN, 1963/2005). Dessa forma, a nomeação de *zero à esquerda*, é formulada por Ana Luíza, mas chega a ela como uma mensagem do Outro.

É nesse *zero à esquerda* que Ana se faz representar, e um zero que, à esquerda, não acrescenta valor nem reduz o valor de um numeral, ou seja, é o próprio nada. Nessa versão que o sujeito faz, ele se coloca ao Outro como nada, a encarnação do próprio objeto *a*, que toma o corpo do sujeito como objeto real. Nesta condição de se tornar o próprio objeto, Ana Luíza mostra que em seu sintoma ela se dispõe a testar o Outro por meio da fantasia de desaparecimento, desaparecendo e se tornando nada, para causar desejo no Outro. Essa ficção criada pelo sujeito parece ser sustentada pela crença de que assim ele garante sua inscrição no desejo do Outro.

Ao que parece, algo nos processos de alienação e separação do sujeito do campo do Outro parece falhar na anorexia, colocando o sujeito em um não saber sobre o desejo do Outro. No caso de Ana Luíza, isso se mostra na dificuldade que ela apresenta de se colocar diante do Outro, que não é um Outro que lhe sufoca com a “papinha sufocante”, mas sufoca o sujeito com sua ausência. Estas duas condições que parecem contraditórias – o excesso de presença do Outro e o excesso de sua ausência – são, na verdade, equivalentes, já que se o Outro dá tudo ou dá nada, isso indica que o sujeito não está inscrito em seu desejo.

Essa dificuldade de Ana Luíza em se inscrever no campo do Outro, como campo dos significantes, pode trazer como consequência uma precariedade de recursos simbólicos, já que não consegue fazer consistir o Outro na via do desejo. O que percebemos, é que diante de uma frágil amarração simbólica, o sujeito encontra amparo na identificação imaginária e especular, donde o estereótipo anoréxico se constitui como uma sustentação para o sujeito, e o fazer-se nada pode surgir como um modo de ser anoréxico.

¹¹ Grifos do autor.

4.2.1 A anorexia como uma nomeação

Eu não sabia se merecia ser anoréxica, porque sempre me achei muito “nada” pra ser alguma coisa. [...] sempre me questioneei se nem me defendi dos diagnósticos dos médicos porque *sendo anoréxica*, eu *seria*, pelo menos, *alguma coisa*...¹²

Como Ana Luíza indica nesse fragmento, com a anorexia ela passa da condição de ser nada, para ser alguma coisa. É como se ao se tornar anoréxico o sujeito conseguisse se localizar de alguma forma no campo do Outro. Entretanto, percebemos um ponto embaraçoso nesse aspecto. Ana Luíza diz que a anorexia surgiu-lhe como uma possibilidade de deixar de ser nada para o Outro, mas é justamente a anorexia que faz com que este nada se torne mais evidente, aparecendo sob a forma de um objeto real. Se antes da anorexia Ana Luíza se considera “muito nada”, depois da constituição do sintoma anoréxico, o objeto nada retorna e se inscreve não somente em seu discurso, mas se mostra nos efeitos da anorexia no campo corporal, de maneira que Ana Luíza passa a revelar no próprio corpo, o nada. Na realidade, ao que parece, na anorexia tem-se uma positivação do nada, na medida em que este se desdobra em um nome: anoréxica, que faz do nada uma escrita no corpo do sujeito.

Conforme Hekier e Miller (2005), não havendo um significante que amarre suficientemente o sujeito em uma representação que o faça existir, a anorexia surge como uma alternativa de representar esse sujeito. E isso pode ser pensado na dimensão do imaginário. Como o Outro deixa o sujeito no limbo do desamparo, não lhe oferecendo uma nomeação capaz de lhe dar um suporte simbólico, o sujeito apela para alguma sustentação no nível imaginário e especular, buscando um significante que o represente, e a anorexia pode surgir como este suporte para o sujeito. No caso de Ana Luíza, a anorexia parece trazer certa organização psíquica, pois ela captura na imagem do “ser anoréxica” uma forma de existir, de ser reconhecida pelo Outro, e de ser incluída de alguma forma, nem que seja entre as Anas. Mas além dessa inflação do imaginário, outra dimensão privilegiada na anorexia é o real. É por meio do ato no corpo que o sujeito tenta se apropriar da nomeação “ser anoréxica” como uma forma de gozo.

¹² Grifos de Ana Luíza.

Segundo as indicações de Hekier e Miller (2005) é no ato que o sujeito tenta se encontrar com algo que lhe ofereça alguma identidade, com um significante que o represente, como ser anorético. “O ser bulímica, anorética, constitui-se, portanto, em uma forma de situar o ser, de situar o gozo..., em outros termos, é o nome próprio de fato do gozo¹³” (HEKIER e MILLER, 2005, p. 70, tradução nossa). Ser anorético é uma forma de se alojar e se desalojar do campo do Outro, uma tentativa de dar consistência ao sujeito, já que o Outro não exerceu esta função. Entretanto, é justamente ao passar do significante ao ato que o sujeito se perde ainda mais de onde poderia estar. O sujeito anorético busca encontrar-se exatamente onde não está, ou seja, “trata-se de uma tentativa vã, desesperada, de *ser-aí* onde encontra, precisamente, seu *des-ser*.¹⁴” (HEKIER e MILLER, 2005, p. 57, tradução nossa).

O caso de Ana Luíza revela que para ela, ser anorética resolve ou pelo menos alivia e a distrai de questões que ela não conseguia suportar. Apesar de nem sempre esclarecer o que sente como insuportável Ana Luíza dá dicas de que isso tem a ver com sua relação com o Outro, que não a escuta e que não se interessa por ela. Assim, ela diz que se deixasse de ser anorética sua vida se complicaria mais, ou ainda, “*sendo anorética, eu seria, pelo menos, alguma coisa...*”¹⁵. Por meio da anorexia o objeto nada toma corpo, o corpo do sujeito, a fim de encontrar um lugar fálico no campo do Outro. Entretanto, isso não a deixa livre do embaraço de sua posição diante do Outro

Se a anorexia surge como uma forma de Ana Luíza ser alguma coisa, é no objeto nada que ela se constitui para o Outro, ao comer nada e ao fazer-se nada. Ao comer nada ela afirma seu desejo de desejo, que não se reduz ao que ela precisa e ao que está à sua disposição. Nesse sentido, um comentário de Ana Luíza é precioso:

Eu acho que a anorexia é uma coisa muito interessante [...] vai além do não comer: se transforma numa luta entre o “desejar” e o “precisar”. Quando eu exijo de mim passar o dia sem comer nada, com o estômago roncando, na verdade, é o seguinte: eu “preciso” mas não “desejo” esse “precisar”.

¹³ “El ser bulímica, anorética, se constituye así en una forma de situar el ser, de situar el goce..., en otros términos, es un nombre propio hecho de goce.”

¹⁴ “Se trata de un intento vano, desesperado, de *ser-ahí* donde encuentra, precisamente, su *des-ser*.” (Grifos da autora).

¹⁵ Grifos de Ana Luíza.

Ana Luíza toca exatamente na questão que Lacan desenvolve no texto *A direção da cura e os princípios de seu poder* (1958/1998), quando o autor diz que a recusa do alimento na anorexia demonstra que o desejo não se reduz ao objeto da necessidade, de forma que o sujeito usa sua recusa como um desejo.

Nessa linha de reflexão, podemos localizar no discurso de Ana Luíza o primeiro tempo em que Lacan situa o desejo na anorexia como desejo de nada, como uma estratégia do sujeito para fazer sobreviver o desejo, de maneira que o nada, situado no nível simbólico, surge para mostrar que nenhum objeto é capaz de responder ao desejo do sujeito. É a ausência do objeto que o sujeito anoréxico saboreia, como diz Lacan (1956-1957/1995) em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Diante de um Outro que não a inscreve em seu desejo, Ana Luíza come nada para dizer ao Outro que o que ela deseja não é aquilo que ele tem, mas, ao contrário, o que lhe falta, e que corresponde ao amor.

Por outro lado, no caso de Ana Luíza, verificamos que seus recursos simbólicos não são suficientes para mediar sua relação com o Outro, o que deixa o sujeito à mercê de um real que não conhece leis nem o sentido, e que faz com que o desejo de nada seja pervertido quando o nada é incorporado pelo sujeito como um objeto real. Se o sintoma anoréxico para Ana Luíza surge como uma maneira de deixar de ser nada para o Outro para ser “pelo menos alguma coisa” como ela mesma diz, o que ela parece não se dar conta é de que a anorexia torna-se justamente uma forma de revelar a face real do objeto no próprio corpo do sujeito.

Ana Luíza tenta encontrar na anorexia uma nomeação além do nada, mas é neste sintoma que o nada retorna mais feroz, ferindo o corpo do sujeito ao transformá-lo em pele e ossos. Os depoimentos de Ana Luíza nos levam a entender que ela faz do “ser nada” uma forma de “ser anoréxica”, insistindo em se inscrever em algum lugar no campo do Outro e questionando porque o lugar que sempre encontra é o do nada.

Me vejo nessa obrigação dolorosa de provar algo para eles, de fazê-los sentir algo a meu respeito. Por quê? Porque eu mesma me sinto um nada, um ser que existe na Terra e que não significa nada, só isso. Nunca fiz nada. Nunca fui nada. Nunca existi.

Talvez pudéssemos pensar que se há a formulação de algum enigma para ela, ele está localizado neste “por quê?” que ela sempre faz retornar em sua escrita.

É reincidente sua pergunta sobre por que ela é esse nada para o Outro, por que só neste lugar o Outro a coloca. Enquanto não encontra outra solução para seu questionamento, é sendo nada que ela se situa frente ao Outro.

4.3. “Über, over, demais”! Anorexia: uma “doença lucrativa”

A menção ao gozo, neste trabalho, não tem a intenção de trazer a complexidade que este conceito exige. Nosso interesse é articulá-lo ao sintoma da anorexia a partir das publicações de Ana Luíza em seu *blog* e das indicações de Lacan em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/2008) e da noção de mais gozar desenvolvida por Lacan em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992). Essa articulação se faz importante para compreendermos a forma como na anorexia, o objeto a pode ser compreendido na vertente de causa de desejo e de um a mais de gozo para a satisfação da pulsão.

A partir do seminário 11 podemos verificar uma valorização do objeto a, viés pelo qual o gozo passa a ser tratado. O excesso de gozo que era considerado como transgressão em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960/1988), passa a ser designado pelo objeto a, como mais gozar. No seminário 11, o gozo passa da noção de usufruir de um objeto, ou seja, da posse de um objeto, para a noção de fazer-se usufruir como um objeto, o que Lacan explicita sob a forma, por exemplo, do fazer-se ver, fazer-se ouvir.

No seminário 17 essa noção sobre o gozo retorna quando Lacan associa o mais gozar à mais-valia de Marx, indicando que no gozo há um excesso, um desperdício. Segundo o autor,

O que Marx denuncia na mais-valia é a espoliação do gozo. No entanto, essa mais-valia é o memorial do mais-de-gozar, é o seu equivalente do mais-de-gozar. A sociedade de consumidores adquire seu sentido quando ao elemento, entre aspas, que se qualifica de humano se dá o equivalente homogêneo de um mais-de-gozar qualquer, que é o produto de nossa indústria, um mais-de-gozar — para dizer de uma vez — forjado. (LACAN, 1961/1992, p.76)

Identificamos a noção do gozo no caso de Ana Luíza sob dois aspectos. O primeiro está ligado ao excesso, a esse “mais” que traz na adição um tamponamento da falta enquanto constituinte do sujeito *desejante*. O segundo ponto se refere ao fazer-se um objeto e gozar desta posição que, em nosso caso, está ligado ao objeto nada, a um fazer-se nada, como propõe Eidelberg (2009).

Em seu diário, Ana Luíza indica como seu sintoma anoréxico leva-a a se entregar ao gozo de forma a obter sempre um mais gozar. Ela conta que, de maneira geral, sente-se cheia em muitos aspectos, demonstrando que há sempre um excesso caracterizando suas condutas, escolhas e posicionamentos. Trata-se de uma carga pesada, que chega a cansar o sujeito, que muitas vezes, ainda assim, não abre mão desse *a mais* desnecessário. Um dos depoimentos de Ana Luíza mostra o quanto essa adição priva o sujeito do manejo com a falta, reduzindo os vestígios do gozo fálico.

Eu nunca senti um “vazio”, como muitas pessoas dizem que sentem... Muito pelo contrário... Sempre acho que a intensidade do que sinto é über, sabe? Sentir “nada” seria uma boa pedida para mim... Anestesiá-lo tudo. Por isso que quero o controle de mim mesma. [...] Não consigo expressar o que sinto sem fazer um escândalo teatral dramático. É uma música explosiva no último volume... Perda total do controle... É por isso que nunca consigo me defender ou me expressar – tenho medo de explodir... Você já viu aquelas adolescentes que vão a shows e ficam chorando, desmaiam, gritam, esperneiam e que o povo acha ridículo? Pois é assim que me sinto em relação a tudo e a todos o tempo todo. É cansativo. É over. É demais. É explosivo. [...] Mas minha mãe falou que isso era só uma fase e que quando eu ficasse mais velha, quando eu fosse uma mulher adulta, isso tudo passaria. Mas não passou... [...] E agora, manhê??

Há um excesso que o sujeito não renuncia em sua economia pulsional, e o objeto a aparece mais vinculado ao mais-gozar que à causa de desejo. Esse “vazio”, que Ana Luíza confessa não experimentar, revela um tamponamento do que no sujeito é causa de seu desejo. No lugar desse “vazio” que o sujeito demanda, há um *mais*, um lucro, não sendo sem razão que Ana Luíza caracteriza a anorexia como uma doença lucrativa.

Quanto ao fazer-se nada, ou seja, encarnar no real do corpo um objeto que visa funcionar como causa de desejo no Outro, o sujeito subverte a lógica do desejo e do significante, pois ao se tornar um objeto real, o que ocorre é um afastamento do campo do Outro. Nesse sentido, há um certo desvincular-se do simbólico, já que o real é irreduzível ao símbolo. É como visar o Outro e ir à direção contrária. No

sintoma anoréxico, algo da interrogativa sobre o desejo do Outro se perde na certeza de que a anorexia é a solução para os impasses do sujeito. Impasse que se perde na concretude do gozo no corpo, fazendo com que o organismo prevaleça em detrimento do corpo como articulação significante.

A partir disso, consideramos importante abordar o que Miller (2000), em seu texto *Os seis paradigmas do gozo* diz a respeito do mais-gozar indicado por Lacan no seminário 17 (1969-1970/1992). Neste seminário, o acento está no significante como marca de gozo, e isso pode acontecer tanto no sentido do significante introduzir uma perda de gozo quanto um suplemento de gozo. Assim, de acordo com as considerações de Miller, o acesso ao gozo dá-se pelo desperdício trazido pela ação do significante. Enquanto o gozo fálico é interdito, “o gozo do mais gozar é a corporificação da perda entrópica” (MILLER, 2000, p. 99). Numa articulação à anorexia, podemos pensar que o sujeito não consente com o que o significante traz de perda de gozo, já que o que lhe interessa é a forma como o objeto *a* pode produzir um mais gozar, um suplemento de gozo. Nesse sentido, poderíamos vincular a anorexia mais à dimensão do objeto, do real, que à ordem do significante.

A satisfação, portanto, se dá no próprio corpo, não passando pelo significante, a qual poderia dar um tratamento ao real do gozo. Como pontua Santoro (2003) em seu texto *O corpo e seus excessos na alimentação*, o que acontece na anorexia é um excesso de real, dificultando o poder simbólico da palavra, que tem como efeito um gozo excessivo diante do qual as recusas simbólicas do sujeito não são suficientes para metabolizá-lo. Para a autora, a dificuldade do metabolismo do gozo consiste na dificuldade que o sujeito encontra de absorvê-lo à ação mediadora do significante.

Esse excesso, essa sobra, pode ser identificado na anorexia como a imagem de uma gordurinha *a* mais, ainda que em realidade, ela não exista. Há um pedaço de corpo que sobra, como uma libra de carne, objeto *a*.

Em *Os seis paradigmas do gozo*, Miller (2000) define o mais-gozar como aquilo que transborda, e que não detém o desperdício do gozo. Este está fora da simbolização e é valorizado como um em-si, se distinguindo do simbólico e do imaginário. Pouco tempo depois, em *Elementos de biologia lacaniana* (2003), o autor retoma a problemática do gozo ao dizer que a condição de gozo é o corpo vivo, nele incide o real das pulsões, o que não pode ser simbolizável. Trata-se, portanto, não do corpo imaginário ou simbólico, mas do corpo real. Isso pode ser verificado na

anorexia que, apresentando uma fragilidade simbólica, deixa o sujeito sem recursos para lidar com o real, de modo que se pode perceber uma desarmonia entre o gozo e o significante. Onde o simbólico não se efetivou com consistência, o real prevalece.

É aí que o objeto nada revela sua importância. Ele parece localizar o gozo que se encontra tão disperso para Ana Luíza. O fazer-se nada aparece como uma estratégia do sujeito que visa chantagear o Outro. Entretanto, essa chantagem põe em jogo o corpo do sujeito em sua dimensão real, sujeitando-o a um mais-gozar que não deixa espaço para o sujeito *desejante*, e afrouxa as amarrações simbólicas.

Em seu texto *Os dois circuitos de Lacan sobre a anorexia em sua relação com o objeto* (2008), Cosenza estabelece uma aproximação entre a clínica da anorexia e a clínica da toxicomania. Ao se referir à “toxicomania do nada” (COSENZA, 2008, p. 36), diz que em alguns momentos cruciais, a anorexia afrouxa a ancoragem simbólica na forma radical com que o objeto pode se mostrar como um parasita do corpo do sujeito, reduzindo-o a objeto de gozo. Nesse sentido, considerando uma forma de gozo totalitário, o espaço para o desejo do sujeito fica comprometido.

Isso aponta para a observação que Miller (2005) faz sobre a antinomia entre desejo e gozo, já que o desejo está remetido a uma pergunta, um enigma, ao contrário do que se encontra no gozo, em que o que vem como certeza é que o corpo quer gozar. Nessa perspectiva, entendemos que no sintoma anoréxico de Ana Luíza, o gozo não passa pelo significante, pelo campo do Outro, tratando-se de um gozo quase visceral, na medida em que a dor de fome, o escutar o estômago roncando, são sensações que dão prazer e, como diz Ana Luíza, um sentimento de liberdade.

Assim, o objeto nada, tomado inicialmente com uma forma de subtração do gozo do Outro, como uma maneira de instituir um sinal de menos, como sugere Lacan na década de 50, se transforma em um objeto real que retorna sobre o corpo de forma abrupta, marcando-o com um gozo inapreensível pela palavra. Em nome do amor, Ana Luíza parece dispor de seu corpo e de seus bens para se encontrar no desejo do Outro, ignorando que o nada, eleito como objeto a ser incorporado, encontra-se no limiar entre a causa de desejo e intempestividade do gozo que assola o corpo e desvincula o sujeito do campo do Outro.

O sujeito, tomado por um gozo que transborda pelo corpo, se dirige ao Outro para obter uma resposta sobre o desejo e o gozo, Outro que por não responder do lugar de castrado, não pode transmitir ao sujeito uma forma de circunscrever o gozo. “E agora?” pergunta Ana Luíza. O que fazer com esse excesso que está por todo o corpo? Esse Outro só poderia dar um ponto de basta nesse gozo que avança, se transmitisse ao sujeito o significante do desejo, ou seja, a falta. Nesse sentido, Miller (2005, p. 126, tradução nossa) afirma que “o desejo cai substituído pelo gozo; a resposta à pergunta pelo gozo do Outro é a aparência, e a maneira de tramitá-lo torna-se significada pelo gozo da contemplação de seu próprio corpo¹⁶”.

Conforme Hekier (2005) o sujeito anoréxico é levado a retroceder ao gozo auto-erótico, se satisfazendo independente do Outro, da linguagem. Para o autor, o gozo auto-erótico, o sofrimento e a dor podem ser obstáculos. O gozo feroz põe entre parênteses os dilemas do sujeito, que ficam centralizados na questão corporal. Ana Luíza, por exemplo, circula seu discurso em torno da problemática do corpo sob duas vertentes, a do emagrecimento e das punições aplicadas ao corpo. Ela deixa claro que a anorexia concentra a maioria dos seus pensamentos, e na medida em que isso ocorre ela deixa de lado outros problemas maiores. Portanto, em várias passagens ela retrata sua relação com o corpo, não o corpo ideal, vinculado a uma imagem estética, mas ao corpo real, atrelado ao campo necessidade. É o que podemos verificar quando ela diz:

[...] estou ouvindo meu estômago roncar freneticamente. Tô morrendo de fome. Mas a sensação é tão boa... Não consegui ainda entender como uma sensação física desse tipo, que a maioria considera quase insuportável, pode me trazer uma sensação tão libertadora...

Ana Luíza mostra como a dimensão do real está determinada nos sintomas anoréxicos, de forma que suportar a sensação de fome é prova do controle corporal e de suas reações, que parece tratar-se de um modo de sentir e de ter um corpo. Como diz Ana, “[...] você substitui uma dor pela outra, [...] essa dor me distrai das outras, chega a ser um prazer. [...] A dor da fome tinha um limite que eu conhecia e a dor de não chegar à perfeição era infinita perto dessa minha amiga, a fome”.

¹⁶ “El deseo queda sustituido por el goce; la respuesta a la pregunta por el goce del Otro es la apariencia, y la manera de tramitarlo queda significada por el goce de la contemplación de su propio cuerpo.”

Há um forçamento de que o corpo sobreviva com o mínimo, uma tentativa de reduzir objetos simbólicos ao nível da necessidade para poder controlá-lo: “[...] quanto mais tempo sem comer, maior é a sensação de poder, maior é o contentamento!”, diz Ana Luíza.

Para ela, o gozo mantém uma estreita relação com a punição que é aplicada ao corpo na medida em que ela fracassa (ou supõe fracassar) ao tentar alcançar um ideal, seja um ideal de beleza, competência, de controle, seja um ideal de relacionamentos com os outros e com um Outro exigente, que se encarrega de condená-la por seus ‘fracassos’. O mínimo deslize desencadeia uma medida de punição ao corpo para compensar a imperfeição.

Acho que por isso nós todas tentamos chegar ao extremo do físico [...] sei de meninas que se cortam, outras (como eu) que não dormem, outras que se socam, que passam frio, etc. Isso é um teste para provar a si mesma que tem auto-controle, e ao mesmo tempo, uma busca pela limpeza interior e pelo auto-respeito.

Segundo Hekier e Miller (2005), diante da impossibilidade de uma articulação significativa, o corpo sofre do gozo, que ao mesmo tempo é um gozo ao qual o sujeito não consegue renunciar, funcionando como o imperativo da satisfação da pulsão, que é paradoxal, pois nunca se satisfaz na totalidade que a pulsão almeja. Também Miller (2000, p. 100) observa que “tudo o que nos é permitido gozar, o é por pedacinhos”.

Bidaud (1998) extrai um paradoxo no sintoma anoréxico. Se por um lado o sujeito anoréxico não constitui o corpo como subsídio simbólico, por outro lado o sujeito está colado no corpo real e na imagem corporal, sentindo as dores e sofrimentos que ele lhe traz. Em certa parte de seu depoimento, Ana Luíza relata que a anorexia funciona como uma estratégia para lidar com suas angústias e dores emocionais. Segundo ela, as dores internas que sempre sentiu e ainda sente doem de tal forma que ela prefere sentir a dor da fome: “essa dor me distrai das outras, chega a ser um prazer”. Essa satisfação sustenta o sintoma anoréxico, que faz escoar do sujeito não só a beleza, mas a vitalidade, a sexualidade, o corpo e o próprio desejo, que diante de um gozo excessivo, fica apagado, como diz Bidaud (1998).

Se por um lado a anorexia é um sintoma de desejo, como afirmam Hekier e Miller (2005), por outro lado, quando o gozo passa a imperar nos domínios da pulsão

de morte, quando se chega ao gozo da fome, isso sucumbe o desejo. “Gozo da fome e pulsão de morte, coincidência fatal de um desejo que transborda os limites da vida e em que o sujeito se debate na intenção de sustentar seu ser¹⁷” (MILLER, 2005, p. 112, tradução nossa).

Com isso, temos que os impasses do sujeito anoréxico não encontram um respaldo simbólico, que seria capaz de amortecer os impactos do gozo no corpo. Na anorexia trata-se de escrever no corpo conteúdos que não encontram, na dialética da linguagem, uma mediação, levando o sujeito a fazer de seu ser o próprio objeto de gozo, como verificamos no discurso de Ana Luíza, que diz ser um nada, um zero à esquerda, o que nos leva a pensar que diante de um Outro que não a implica em seu desejo, não há como o sujeito existir enquanto desejante.

Portanto, o caso de Ana Luíza demonstra duas faces do nada na anorexia; uma em que o nada aparece como defesa do desejo, e outra que anuncia a dimensão real do objeto nada, encarnado no corpo do sujeito. Estas duas vertentes do nada surgem nos relatos de Ana Luíza apontando que uma não se encontra necessariamente dissociada da outra, nos levando à reflexão de que na neurose, a relação do sujeito com o Outro pode ser atravessada por um real avassalador, que corrompe as relações do sujeito e marca seu corpo com um gozo sem fronteiras que perverte a ordem do desejo, que não encontra um lugar de onde possa operar. O caso investigado indica ainda que a forma com que o sujeito lida com o Outro e com o real deve ser tratada nas especificidades de cada caso no seu singular, já que não há parâmetros definitivos e absolutos para se tratar a anorexia.

¹⁷ “Goce del hambre y pulsión de muerte, coincidencia fatal de un deseo que desborda los limites de la vida y en el que el sujeto se debate en el intento de sostener su ser.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho de pesquisa permite-nos concluir que o estatuto do desejo na anorexia está intimamente articulado à relação que o sujeito estabelece com o Outro e ao uso que o sujeito faz do objeto. Na anorexia, esse objeto pode tornar-se evidente quando o sujeito transforma seu corpo e seu ser em nada, enquanto resto de sua relação com o Outro.

Partindo das formulações lacanianas acerca da anorexia, bem como das contribuições de autores contemporâneos que investigam o tema, pontuamos, ao longo deste trabalho, que a anorexia revela uma complexidade teórica e clínica que envolve tanto a definição do diagnóstico diferencial quanto a condução do tratamento. Trata-se de um campo de investigação árido, em que o objeto a apresenta-se na radicalidade do desejo e do gozo. O objeto a, no caso de Ana Luíza, revela, na mesma face, a causa de desejo e um gozo que persiste e faz do sujeito o próprio resto.

Seguindo as indicações lacanianas, vimos que a anorexia pode ser compreendida de modos diferentes, dependendo da maneira como o objeto está posto para o sujeito. Se na anorexia o nada surge como uma forma de causar uma distância entre o sujeito e o Outro e de proteger o desejo do sujeito, podemos entender que o que está em questão é um mecanismo simbólico que coloca o nada como elemento mediador dos campos do sujeito e do Outro. O comer nada surge como uma recusa que opera como defesa do desejo, diante de um Outro que não transmite ao sujeito o dom do amor, ou seja, a falta. Por outro lado, o nada na anorexia pode aparecer como uma materialização do real, dando a ele a forma do objeto nada. Este, incorporado pelo sujeito anorético, torna-se elemento de sua constituição corporal e psíquica, construindo um sujeito feito de nada, um sujeito que é o próprio nada. Nesse sentido, este trabalho aponta que para além da função de objeto oral, o nada pode surgir como o objeto por meio do qual o sujeito se apresenta, ainda que isso signifique comprometer a vida em seu estado biológico.

O comentário e a problematização do caso de Ana Luíza permitiu uma articulação aos conteúdos trabalhados, a partir das especificidades de um caso singular. Este trabalho nos faz compreender que o fato de Lacan conceber o nada na anorexia de formas diferentes em sua obra não significa que ele tenha

abandonado sua primeira formulação a respeito do assunto, mas aponta que é possível pensá-las inclusive, em um mesmo caso clínico. Os relatos de Ana Luíza demonstram que ela utiliza sua recusa, ou o comer nada, como forma de preservar o desejo, o que corresponde ao que Lacan formaliza sobre a anorexia num primeiro momento, observando a conotação simbólica desta recusa; contudo seus depoimentos também indicam que ela se torna o próprio objeto nada, aí em sua dimensão real, para de alguma forma, causar desejo no Outro.

O caso aponta, em sua especificidade, que o sujeito anorético pode fazer uso do nada tanto para apontar a irreducibilidade do desejo à necessidade e à demanda quanto para indicar que o objeto real não é redutível ao símbolo, e que é possível fazer do próprio ser este real inassimilável. Os elementos trazidos por ela em seu diário virtual nos propiciaram verificar que, em nome da preservação do desejo, o sujeito pode entregar seu corpo, seu ser, que se transforma no próprio nada, objeto que visa causar desejo no Outro e ao mesmo tempo ser objeto de mais-gozar.

Além disso, é importante destacar que a partir dos relatos de Ana Luíza tornou-se evidente que em sua anorexia a ausência desmedida do Outro é similar à sua presença sufocante, de modo que é o excesso de ausência do Outro que oprime o sujeito na condição de não estar inscrito no desejo do Outro. Em consequência disso, o sujeito encontra-se fragilizado no campo simbólico e vulnerável à brutalidade com que o real se escancara no próprio corpo sob a vestimenta do objeto nada, propiciando o apagamento deste desejo, já que a experiência de gozo sucumbe a dimensão simbólica à dimensão do real de um corpo decadente.

Temos a convicção de que as considerações que esta dissertação traz a respeito da anorexia não esgotam o tema em questão, mas apontam uma linha de reflexão sobre o desejo na anorexia partindo da noção de objeto. A elaboração deste trabalho teórico e clínico nos permitiu avançar na compreensão das vicissitudes do desejo na anorexia e da forma que a condição do sujeito desejante pode ser atravessada por um gozo sem limites, cuja desordem ruidosa silencia e oprime a presença do desejo.

Quanto ao caso de Ana Luíza, entendemos que as considerações que tecemos não têm um caráter conclusivo, mas se trata de uma leitura que parte de um ponto de investigação desta pesquisa, e que se refere à compreensão do desejo na anorexia tendo em vista o objeto *a*, sob a forma do nada. Certamente, o conteúdo da escrita de Ana Luíza é de tamanha riqueza que nos levaria a diversas outras

reflexões, que poderão ser trabalhadas em outro momento. Esperamos ainda que os conteúdos desenvolvidos nesta dissertação possam instigar outros pesquisadores a discutir o tema da anorexia, e a contribuir com outras construções teóricas que possam enriquecer e acrescentar com suas investigações.

Ao final desta pesquisa, e partindo do caso de Ana Luíza, podemos dizer que o sintoma anoréxico pode ser compreendido como uma forma que o sujeito encontra para mostrar que para ele o que está em questão não é a sobrevivência do corpo ou um ideal de corpo magro e belo; o que realmente lhe importa é a sobrevivência do desejo, mesmo que isso possa lhe custar a entrega do seu corpo como nada a um Outro que não lhe dá uma resposta sobre o desejo e sobre o amor.

REFERÊNCIAS

ACERTIJOS, enigmas, adivinanzas: rómpete el coco, ejercita tu mente y descubre si eres tan listo como piensas. Disponível em: <www.menteagonizante.es/ecertijos/hode>. Acesso em: 02 fev. 2010.

ANDRADE, Maria Margarida de. Pesquisa bibliográfica. In: ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BIDAUD, Éric. **Anorexia mental, ascese, mística**: uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

BOENTE Alfredo; BRAGA, Gláucia. Tipos de Pesquisa. In: BOENTE Alfredo; BRAGA, Gláucia. **Metodologia Científica Contemporânea Para Universitários e Pesquisadores**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

CHATELARD, Scheinkman Daniela. **O conceito de objeto na psicanálise**: do fenômeno à escrita. Brasília: UNB, 2005.

COSENZA, Domenico. Os dois circuitos de Lacan sobre a anorexia em sua relação com o objeto. **Scilicet**, Rio de Janeiro: Contracapa, p. 35-37, 2008.

DAFUNCHIO, Nieves Soria; EIDELBERG, Alejandra; GODOY, Claudio; SCHEJTMAN, Fabián. **Porciones de nada**: la anorexia e la época. Buenos Aires: Del Bucle, 2009.

DUNKER, Karin Louise Lenz; PHILIPPI, Sônia Tucunduva. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732003000100006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 08 de set. 2008.

FERRARI, Ilka. Franco. Anorexia: forma de dizer que o desejo é o motor da vida. **Pulsional**, Revista de psicanálise, São Paulo, v. 177, n. 17, p. 102-110, 2004.

FERREIRA, Roberto Assis. Anorexia e bulimia: a condução do tratamento. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 25, n. 50, p. 57-66, set. 2003.

FERRERO, Andrea. Reflexiones sobre la anorexia. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 fev. 2010

FREUD, Sigmund. Um caso de cura pelo hipnotismo (1892-1893). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos (1893). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950/1895). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.

FREUD, Sigmund. Rascunho G (1895). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950[1892-1899]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (I) (1900). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 4.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos (1900-1901). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 5.

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud (1904[1903]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicoterapia (1905[1904]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917) (Conferência XVI). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 16.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 17.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

HEKIER, Marcelo; MILLER, Celina. **Anorexia-Bulimia**: deseo de nada. Buenos Aires: Paidós, 2005.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Juventude de Gide ou a letra e o desejo (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e Estrutura da Personalidade” (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975). **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 23, p.6-16, dez. 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. O sonho da bela açougueira. In: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: a relação de objeto (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência (1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LIMA, Celso Rennó. **Anorexia um para além da histeria**. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/biblioteca/pdf_biblioteca/Celso_Renno_Anorexia_um_para_al_em_da_histeria.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2010.

LIMA, Mônica Assunção Costa. Anorexia: um sintoma da puberdade. In: **Fórum Internacional Psicanálise e Hospital**, 5, 2009, Belo Horizonte, MG. Disponível em <<http://www.psicanaliseehospital.com.br/IVForum/programa.php>> Acesso em: 30 jan. 2010.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. In: **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 26/27, 2000.

MILLER, Jacques-Alain. **Elementos de Biologia Lacaniana**. Belo Horizonte: EBPMG, 1999.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Transtornos alimentares: um laço entre medicina, cultura e psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, p. 72-81, set. 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**: classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: casos clínicos de adultos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PINTO, Jeferson Machado. A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da psicanálise. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2010.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

RECALCATI, Massimo. **La última cena**: anorexia y bulimia. Buenos Aires: Del Cifrado, 2007.

RECALCATI, Massimo. Os dois “nada” da anorexia. **Correio**, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 32, p. 26-36, abril 2001.

RINALDI, Doris. Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/doris_rinaldi/Doris_rinaldi_trasnferencia_desejo_analista.doc>. Acesso em: 20 set. 2009.

SANTORO, Vanessa Campos. O corpo e seus excessos na alimentação. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 25, n. 50, p. 51-56, set. 2003.

SAURET, Marie-Jean. A Pesquisa Clínica em Psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2009.

SILVA, Ana Raquel Corrêa. Anorexia e bulimia nervosa: casos graves. In: JORNADA SUDESTE DE PSIQUIATRIA, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABP, 2008.

SILVA, Alinne Nogueira; BASTOS, Angélica. Anorexia: uma pseudo-separação frente a impasses na alienação e na separação. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Nov. 2009. doi: 10.1590/S0103-56652006000100008>. Acesso em: 03 fev. 2010.

SOLER, Colette. **A psicanálise na civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

WEINBERG, Cybelle. As meninas-roseira. In: WEINBERG, Cybelle. **Clínicas de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia**. Disponível em: <<http://www.redeceppan.com.br/artigos/08.07.15/08.07.15.htm>>. Acesso em: 08 set. 2009.

ANEXO – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2009.

De: Profa. Maria Beatriz Rios Ricci
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

Para: Renata Corrêa Carvalho
Programa Mestrado em Psicologia

Prezado (a) pesquisador (a),

O Projeto de Pesquisa CAAE – 3971.0.000.213-08 “*Uma questão sobre o desejo: o objeto ‘a’ e suas correlações com a anorexia*” foi **aprovado** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas.

Atenciosamente,

Profa. Maria Beatriz Rios Ricci
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – PUC Minas